



Boletim Martinista

Orgão de Circulação Interna entre os Grupos Martinistas Philippe Nizier,
Stanislas de Guaita e Jaime Cavalheiro Alves – SP – Brasil

Volume III, edição XXII Março-Abril de 2012

Este boletim tem por finalidade:

- ◆ Difundir e preservar a mensagem dos Mestres Martinistas
- ◆ Promover a conscientização do trabalho interior
- ◆ Destacar os temas de maior importância dentro da tradição Martinista.

Nesta edição:

Vida e Obra de Paracelso	I
O que é ser um Martinista?	28
A Didaqué - Instrução dos Doze Apóstolos	29
A Luz Astral	36
Quaresma, Semana Santa e Páscoa	39
Contos Espirituais	47

Vida e Obra de Paracelso



“Esquece todas as ofensas que te fazem, ainda mais, esforça-te por pensar o melhor possível do teu maior inimigo. Tua alma é um templo que não deve ser profanado pelo ódio”.

Personalidade controvertida em sua época, o médico suíço Paracelso é visto hoje em dia como o precursor da medicina holística. A visão da saúde como o equilíbrio energético do corpo, a importância da fé na cura e a inter-relação entre o homem e tudo o que o cerca são apenas alguns dos conceitos elaborados por ele, há cerca de 500 anos.

Exatamente no seu 500º aniversário, em 1993, uma das muitas biografias

dessa notável médico foi financiada por uma conhecida indústria farmacêutica na Basileia, Suíça. Uma tardia reabilitação, para aquele que foi tão perseguido e difamado em sua época. Nessa ocasião, sua cidade natal homenageou-o com um simpósio de quatro dias: “Simposio Científico de Einsiedeln”, um congresso médico muito importante.

Uma onda de artigos foi publicada em jornais e revistas durante todo ano de seu aniversário. Alguns elogiaram Paracelso como pioneiro da medicina total, outros como pioneiro farmacêutico, químico, alquimista, filósofo, astrólogo e mago. Ele é o padroeiro favorito de farmácias, clínicas e sociedades de vários tipos. Os títulos que recebeu vão desde “Pai da Medicina Naturalista”, “Trismegisto da Suíça”, até “Lutero da Medicina”. Personalidade atacada e perseguida durante toda a vida, hoje ele continua sendo muito criticado. Mas, então, o que esse homem tinha de tão inesquecível e especial?

A infância e os estudos

Paracelso nasceu em Einsiedeln, Suíça, como Philippe Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, no dia 10 de novembro de 1493. Recebeu o nome de The-

ophrastus em memória do pensador grego Theophrastus Tírtamo, por quem seu pai nutria profunda admiração. O nome de Philipe lhe foi acrescentado, sem dúvida, posteriormente pois é certo que Paracelso jamais fez uso dele; a alcunha de Aureolus deve ter sido dada por seus admiradores nos últimos anos de sua vida, já que até 1538 não é encontrada em nenhum documento relacionado com sua pessoa. Quanto ao nome famoso de Paracelso, acredita-se que este tenha sido dado por seu pai quando ainda jovem, querendo com isso demonstrar que era mais sábio que Celso, médico célebre contemporâneo do imperador Augusto e autor de um livro de medicina muito mais avançado entre todos os que havia em sua época.

Já a partir de 1510 ficou conhecido pelo nome de Paracelso e, embora muito raramente o incluisse em sua assinatura, é certo que o estampou em suas grandes obras filosóficas e religiosas. Do mesmo modo seus discípulos o chamavam de Paracelso, nome que sempre apareceu nas polêmicas e nos ataques injuriosos de que foi vítima.

Paracelso foi uma criança franzina, debilitada e com tendência ao raquitismo, razão pela qual exigia os maiores cuidados, que lhe eram dispensados pelo próprio pai, que o amava muito. Além disso, não era muito favorecido pela natureza: era baixinho, corcunda e gago. Dr. Hohenheim atribuía uma importância extraordinária aos efeitos benéficos do ar livre, respirado em plena natureza; por isso, quando o rapaz já estava crescendo, fez dele seu companheiro de excursões, conseguindo dessa maneira robustecer-lhe o corpo e enriquecer-lhe o espírito.

Nessa época na Europa, a farmácia ainda não era reconhecida, diferentemente do que acontecia na China, no Egito, na Judéia e na Grécia, milhares de anos antes da era cristã. Com efeito, a primeira farmacopéia pertence a Nuremberg e data de 1542, o ano seguinte à morte de Paracelso. Por conseguinte, pode

-se afirmar que a maioria das ervas medicinais, que se receitam em nossos dias, já era conhecida na Idade Média e os religiosos as cultivavam com todo cuidado, nos jardins dos conventos.

Das próprias memórias de Paracelso deduz-se que seu pai foi seu primeiro mestre de latim, de botânica, de alquimia, de medicina, de cirurgia e de teologia; mas nele atuaram outras influências de educação, que Dr. Hohenheim não pôde infundir. Essas influências foram devidas ao espírito irrequieto da época, da nova era que estava sendo preparada: A Renascença.

Indiscutivelmente foi o espírito da Renascença que deu a Paracelso o grande impulso rumo à indução científica e ao método experimental. O encontro desse espírito científico com as correntes espirituais da Reforma, com sua influência sobre a alma dos homens, graças a Lutero, fornece a explicação da formação de sua personalidade, aparentemente contraditória.

As teorias em voga vinham sendo propagadas ativamente já muito tempo antes de Lutero. Duzentos e cinquenta anos antes, uma alma solitária, Roger Bacon, teve uma visão que iluminou as trevas acumuladas por quinze séculos de ignorância e descobriu a chave do divino tesouro da Natureza.

Em 1483 nasceu Lutero; dez anos depois, Paracelso; em 1510 veio à luz o famoso médico e filósofo milanês, Jerônimo Cardano, e em 1517 nasceu o célebre cirurgião Ambrósio Pare; Copérnico, o astrônomo revolucionário, e Pico della Mirandola, todos contemporâneos. Tudo eclodiu de uma só vez: nova concepção religiosa, nova filosofia, novas ciências, acompanhadas de uma grande renovação no mundo da arte.

Ainda muito jovem, Paracelso foi enviado à famosa escola dos beneditinos do mosteiro de Santo André, no Lavantal, a fim de rece-

ber a instrução religiosa. Ali tornou-se amigo do bispo Eberhard Baumgartner, que era considerado um dos alquimistas mais notáveis de seu tempo. Tamanho foi o ardor com que Paracelso dedicou-se aos seus trabalhos de laboratório, tanta a sua força de observação nos fenômenos que estudava, que imediatamente se viu em condições para começar a executar um trabalho que se antecipava ao seu século. Além disso, teve a sorte de contar com o clima da Caríntia que favoreceu grandemente seu desenvolvimento físico, conseguindo com isso desfrutar uma saúde quase perfeita.

Logo depois, transferiu-se para Basileia, onde fez grandes progressos no estudo das ciências ocultas. Naquele tempo, era impossível dedicar-se à medicina sem conhecer profundamente a astrologia. A ciência experimental estava ainda por nascer. Todos os conhecimentos que se adquiriam nos colégios ou conventos eram puramente dogmáticos e esses ensinamentos foram conservados respeitosa e duramente durante muitos séculos.



**Laboratório Alquímico –
Mestre e discípulos**

O misticismo e a magia conviviam com as teorias mais antagônicas e os homens mais célebres lhes rendiam homenagem. William Howitt, um médico notável, escreveu o seguinte: “O verdadeiro misticismo consiste na relação direta entre a inteligência humana e a

de Deus. O falso misticismo não procura a verdadeira comunhão entre Deus e o homem. O espírito absorto em Deus está protegido contra todo ataque. A mente que repousa em Deus aclara a inteligência”.

Esse foi o misticismo que Paracelso esforçou-se por adquirir: a união de sua alma com o espírito divino, a fim de poder conceber o funcionamento desse espírito universal dentro da Natureza. Quando partiu para Basileia, há tinha adquirido a prática das operações cirúrgicas, ajudando seu pai no tratamento de feridos. Em *Livros e escritos de cirurgia*, relatamos que teve os melhores mestres dessa ciência e que havia lido e meditado os textos dos homens mais célebres, tanto da atualidade como do passado.

Pouco se sabe da estada de Paracelso em Basileia; consta unicamente que sua passagem por lá ocorreu em 1510. Nessa ocasião ele começa a atacar severamente os sistemas de cura em voga na época, enaltecendo a compreensão da natureza, a observação clínica, a patologia geral, o estudo dos remédios de acordo com os “*sinais*” ou as “*assinaturas*”, que são a base da homeopatia divulgada posteriormente por Hahnemann. Considerado por muitos como chefe místico da Fraternidade Rosa Cruz, seus trabalhos influenciaram decisivamente os cabalistas, os neoplatônicos e as doutrinas naturais. Exerceu ainda uma grande influência na obra de Fludd e Van Helmont.

Nessa época, a Universidade da Basileia era dirigida pelos escolásticos e pedantes da época. Paracelso percebeu que nada sairia ganhando com os ensinamentos daqueles doutores. “*O pó e as cinzas respeitados por esses espíritos estéreis, haviam-se transformado em matéria importante*”, escreveu ele. Paracelso renunciou a entrar numa luta com aqueles sábios, guardiões petrificados da ciência oficial. O que ele queria era a verdade e não o pedantismo; a ordem e não a confusão; a experiência científica e não o empirismo.

Os estudos com o abade

Jean Trithemius

Segundo sua própria declaração, Paracelso lera as obras manuscritas do abade Jean Trithemius, que encontrou na valiosa biblioteca de seu pai, e tão embevecido se sentiu por elas que resolveu transferir-se para Würzburg, lugar onde o sábio abade se mantinha em contato com seus discípulos. Ali estudou alquimia e ciências ocultas com o abade Trithemius e com o famoso alquimista Basil Valentine. Trithemius afirmava que as forças secretas da Natureza estavam confiadas a seres espirituais. Grande era o número de seus discípulos e os ele que julgava dignos, admitia em seu laboratório, onde se manipulava toda espécie de experiências de alquimia e de magia.

Como mago, Paracelso teve um papel decisivo na evolução da magia natural que terminou por transformar-se depois naquilo que se convencionou chamar de Ciência Experimental. Empregou o imã em muitos de seus trabalhos de cura, sendo, por isto, considerado um dos precursores do Magnetismo Pessoal e do Mesmerismo.



Jean Trithemius

Em certas experiências psíquicas, obteve êxitos surpreendentes; talvez tenha sido ele o

primeiro que nos falou da transmissão do pensamento à distância. Deve-se a ele os primeiros ensaios da criptografia ou escrita secreta. Era também um grande conhecedor da Cabala, por meio da qual fornecera profundas interpretações das passagens proféticas e místicas da Bíblia. Por isso, colocava as Sagradas Escrituras acima de todos os estudos e seus alunos tinham que lhes dedicar toda sua atenção e todo seu amor. Paracelso foi influenciado pelas Escrituras por toda sua vida e o estudo da Bíblia constituiu, mais tarde, uma das tarefas que o ocuparam com mais intensidade. Em seus escritos encontramos o testemunho de seu conhecimento perfeito da linguagem e do profundo significado esotérico da Bíblia.

Embora seja fato incontestável que estudou as ciências ocultas com o abade Trithemius, chegando a conhecer as forças misteriosas do mundo visível e invisível, não é menos certo que abandonou, repentinamente certas práticas mágicas, por julgá-las indignas e contrárias à vontade divina. Tinha aversão, sobretudo, à necromancia praticada por homens pouco escrupulosos, absolutamente convencido de que por meio dela só se atraíam forças maléficas. Recusou, igualmente, todo ganho pessoal que viesse do exercício da magia, pois esta, segundo pensamento dele, só seria permitida se fosse para curar desinteressadamente ou fazer outro bem qualquer a nossos semelhantes.

Foi com esse intuito que se lançou às investigações e às experiências de magia divina. Discernia perfeitamente o alimento mental e espiritual daquele que era impróprio e enganoso, para conseguir a união de sua alma com a divindade.

Curar os homens conforme Cristo fizera, nisto consistia todo o seu desejo ardente. E quem sabe se a própria comunhão com o Senhor não o credenciaria a esse poder sublime? Entrementes, recebia de Deus a graça de saber procurar e encontrar todos os mei-

os de cura com os quais o Criador provera a Natureza.

Medicina e Alquimia

Paracelso, como médico, destaca-se especialmente em três setores: nas qualidades exigidas dos clínicos; no reconhecimento de diversas entidades e, particularmente, na utilização da iatro-química (a química para fins de cura), que fez a química avançar, após séculos de relativa estagnação.

A primeira atividade nada apresenta de original, mas sua persistência representou norma de grande significação prática. A segunda é reveladora de sua mente, sempre alerta, em observações atentas de ocorrências mórbidas, não cogitadas na época. E a terceira, exterioriza um comportamento fecundo e quase excepcional, mesmo na aurora da Renascença. Ele, em verdade, ergueu a química acima de uma situação quase humilde, manipulada particularmente por alquimistas, muitos dos quais de valor, mas quase sempre envolvidos em atividades subalternas. Ele a trouxe para a esfera das mentes capacitadas, responsáveis por seu progresso, seja como ciência básica, seja como fundamento para utilização prática, em terapêutica.

Em seu trabalho à beira dos leitos, com observações instrutivas, ressaltou a “*virtus*”, o espírito de sacrifício dos médicos para o apoio necessário aos doentes, atuando assim como verdadeiro clínico. Ele forneceu dados importantes sobre algumas entidades mórbidas, em particular sobre neuropatias: epilepsia, paralisias, perturbações da fala em traumatismos do crânio. Fez estudos sobre o tratamento cirúrgico de determinados ferimentos, recusando o papel benéfico da supuração como era admitido então. Deixou-nos algumas informações sobre a sífilis e seu tratamento com mercúrio. Em sua “*Generatione stultorum*” relaciona o cretinismo ao bócio endêmico.

Paracelso pode ser considerado o introdutor de substâncias químicas no preparo de medicamentos, sob a forma de extratos alcoólicos e de tinturas, com utilização do ópio, do enxofre, do mercúrio, do ferro, do arsênico, do sulfato de cobre, do sal. Aconselhava banhos repetidos com soluções minerais. Seu livro *Paragranum* de 1530 é o expositor de suas crenças. Pode ser considerado, portanto, como um verdadeiro farmacologista.



Em todas as suas atividades manteve um misticismo simbólico que contrastou com as características objetivas já mencionadas. Há nele uma visão romântica da natureza, responsável por crenças que podem ser admitidas como irracionais num professor de química.

Reconheceu o microcosmo observando o macrocosmo. Admitiu a existência da “*Archeus*”, força inata, vital e oculta situada no estômago. A vida do homem é inseparável da vida do universo. O “*limus terrae*”, do qual se origina o corpo não é original, mas constituído por extratos de substâncias já presentes em seres previamente criados. Nele, encontramos o sal, o enxofre, o mercúrio. E é a separação desses elementos, que acarretaria as doenças, ocorrendo por falha da “*Archeus*”.

Na própria quimioterapia utilizou certa metodologia mística, indicando drogas com forma e coloração comparáveis às dos órgãos aos quais se destinavam. Assim, por exemplo, o ouro, já relacionado pela alquimia, ao coração e a pulmonaria aos processos respiratórios. Em ocorrência comparável, a pele do lagarto foi indicada no tratamento de tumores malignos. Em diferentes publicações está presente essa visão universal, e no “*Paramirum*” encontramos seus curiosos conceitos, desde os primórdios.

Castiglione, em sua História da Medicina, é um dos que expõe a síntese da doutrina de Paracelso. Para ele, “*a natureza constitui o macrocosmo, cujo maior desenvolvimento é representado pelo homem, que, formado pelos mesmos materiais e sujeito às mesmas leis, repete, em si próprio, todos os fenômenos da natureza e está submetido a todas as influências cósmicas e telúricas que regulam o universo*”. O microcosmo e o macrocosmo encontram-se em relações “*constantes e recíprocas*”. Por isso, Paracelso denominou o macrocosmo como “*o homem exterior*”. Ressalta ainda o historiador, a sua crença de que o sal, o enxofre e o mercúrio são componentes dos metais e também de toda a matéria viva. E eles devem ser avaliados simbolicamente: sal, o componente sólido, indestrutível pelo fogo; mercúrio, o fluido, vaporizado mas não modificado pelo fogo; enxofre, alterado e destruído pelo fogo.

Por fim, ele admitia também dados fornecidos pela astrologia, pela cabala, por iniciativas mágicas, por sociedades secretas, sendo frequentador crente dessas instituições. Mas, ainda que Paracelso se ocupasse intensamente com astrologia, alquimia e magia, questões esotéricas, sociais e filosóficas ele era principalmente médico, e é nessa função que seu nome é muito conhecido hoje em dia. Na verdade, em seus escritos, a medicina ocupa o primeiro lugar e ele a praticou e lecionou durante toda a sua vida.

Paracelso entregou-se com ardor e entusias-

mo sem limites ao estudo profundo da alquimia. Dizia ele: “*A alquimia não visa exclusivamente obter a pedra filosofal; a finalidade da ciência hermética consiste em produzir essências soberanas e empregá-las devidamente na cura das doenças*”. Contudo, não pôde fugir à preocupação dominante da época e, durante algum tempo, se ocupou também daquelas práticas alquímicas que ensinam a transformar em ouro os metais “*impuros*”.

De acordo com alguns autores, saiu triunfante em seu cometimento e, depois que satisfez a sua curiosidade, não prosseguiu sua obra, pois não perseguia outro fim senão a evidência de certas doutrinas, para poder falar delas com plena convicção, condição que ele acreditava, com toda certeza, ser indispensável.

Ao falarem dele como alquimista, os biógrafos de Paracelso colocam-no na categoria mais elevada. Todos afirmam unanimemente que era dotado de um poder escrutinador que lhe permitia adentrar o próprio espírito das coisas da Natureza. Ele penetrava os recônditos mais profundos da Natureza, explorava-os e, por meio de suas formas, sabia ver a influência dos metais, com uma penetração tão sagaz, que chegava a extrair deles novos remédios. No que se refere à filosofia hermética, tão árdua e tão misteriosa, ninguém o igualou.

Abandonou, ou melhor, rejeitou o estudo da crisopéia, ou seja, a arte de fazer ouro, porque isto repugnava o seu espírito nobre e desinteressado; contudo, aproveitou grande número de práticas alquímicas que, a seu critério, podiam ser desenvolvidas e aplicadas à medicina. Estava convencido de que quase todos os minerais submetidos à análise podiam revelar-nos grandes segredos curativos e vivificantes e levar a novas combinações perfeitamente eficazes para certas doenças mentais ou físicas. Observou, com atenção, que toda substância dotada de vida orgânica, embora aparentemente inerte, encerrava grande

variedade de potência curativa.

Diferentemente do que faziam seus contemporâneos, não qualificava de divina a alquimia, cujo único objetivo era fabricar ouro. Para ele, os fogos do forninho crisopéico tinham outras grandes utilidades e aqueles que atuavam sob a divina intuição logo se transformavam em fogos purificadores em benefício da humanidade.



As obras de Paracelso, como todas as que tratavam de ciência ocultas, astrologia, magia, alquimia, etc, contêm algumas frases obscuras que somente os iniciados conheciam em toda sua magnitude. Os alquimistas velavam seus segredos por meio de símbolos e frases alegóricas, a que os leigos no assunto atribuíam as mais grotescas interpretações, quando os tomavam ao pé da letra. Iniciado que fora pelo abade Trithemius, Paracelso adotou sua terminologia, acrescentando, por seu arbítrio, termos originários ora da Índia, ora do Egito.

No glossário de Paracelso, vemos que o princípio da sabedoria se chama “*adrop*” e “*azane*”, que corresponde a uma tradução esotérica da pedra filosofal. “*Azoth*” é o prin-

cípio criador da Natureza ou a força vital espiritualizada. “*Cherio*” é a quintessência de um corpo, seja ele animal, vegetal ou mineral; é o seu quinto princípio ou potência. “*Derses*” é o sopro oculto da Terra que ativa seu desenvolvimento. “*Ilech Primum*” é a força primordial ou casual. Magia é a sabedoria, o emprego consciente das forças espirituais, que visa à obtenção de fenômenos visíveis ou tangíveis, reais ou ilusórios; é o uso benfeitor do poder da vontade, do amor e da imaginação; representa a força mais poderosa do espírito humano, empregada em prol do bem. Magia não é bruxaria.

A chave dessa linguagem misteriosa não se perdeu. Foi guardada zelosamente pelos cabalistas e transmitida oralmente entre os iniciados. Atualmente, os detentores dessa chave são os martinistas e os rosa-cruzes. Graças a essa chave, o sistema filosófico-religioso de Paracelso pôde ser recuperado em toda sua integridade.

Pioneirismo

Paracelso não via o médico apenas como um profissional para eliminar os sintomas de uma doença e esse era um conceito completamente diferente daquele que imperava em sua época. Sua opinião sobre a doença fica muito mais próxima do conceito moderno, porque se baseia numa imagem “*cósmica*” do mundo e da humanidade, indo muito além da visão tradicional da sua época, que se baseava na doutrina dos fluidos de Hipócrates. Segundo o ponto de vista tradicional, a doença era causada por mau funcionamento e mistura dos quatro fluidos do corpo: sangue, catarro, bÍlis preta e bÍlis amarela. Paracelso modificou a opinião existente naqueles dias, definindo a saúde como equilíbrio e doença com o desequilíbrio de todas as energias presentes.

A arte de curar, de acordo com Paracelso, apóia-se em quatro pilares: a filosofia, que significa, antes de mais nada, “*abrir-se ao con-*

junto das forças naturais, observar essas forças invisíveis na penetração da realidade total e perceber o invisível no visível"; a astronomia, que nos ensina como as estrelas nos influenciam; a alquimia, útil principalmente na preparação dos remédios e "*virtus*", a honestidade do médico. De acordo com ele, o médico é a imagem primordial de uma pessoa que está se aperfeiçoando. Mais do que qualquer um, o médico deve reconhecer a ação da natureza invisível no doente ou, em se tratando do remédio, como ela trabalha no visível.

Para podermos nos aproximar das idéias pioneiras de Paracelso, é inevitável considerar determinadas imagens básicas, que normalmente são rejeitadas pelo médico convencional, porque se apóiam, acima de tudo, em opiniões "*ocultas*". As duas palavras chave desse lado "*secreto*" de Paracelso são imaginação e magia. Na biografia "*Paracelso, Alquimista, Químico, Pioneiro da Medicina*", o historiador e filósofo Lucien Braun, dedica um extenso capítulo a esse aspecto para explicar o significado básico de tais idéias. De acordo com o professor Braun, é muito difícil explicar a "*imaginação*" como "*sem sujeito e sem imagens*". Porque Paracelso quer apenas possibilitar que a natureza apareça, "*que a própria luz da natureza surja, mostrando-a. Mas ela apenas mostra a luz àquele que sabe ver sem imagens*".

A natureza é mais do que nossos olhos enxergam, "*o invisível que pulsa através do visível*". O invisível nunca se apresenta como imagem, porque ele não é um objeto, é energia viva, criativa; uma energia não dividida, que tira as coisas de seu interior, transformando-as no que são na realidade.

Braun acredita que foi Paracelso quem, pela primeira, vez expressou essa diferenciação histórica do pensamento ocidental. Hoje, pensando nos campos morfogenéticos do biólogo inglês Rupert Sheldrake, ela nos soa muito normal. Foi ela que inspirou Paracelso em relação a estas palavras: "*O visível esconde*

o invisível, mas apesar disso conseguimos o invisível apenas através do visível".

Para o médico suíço, a natureza não é apenas aquilo que nossos olhos enxergam, nem somente o que existe num outro lugar, mas ambos ao mesmo tempo. Escreveu Braun: "*Assim, não é de surpreender que foi Paracelso quem introduziu a descrição da 'força de imaginação' dando, desse modo, um nome à energia imanente que fixa as coisas do interior para fora, cria, faz surgir e não pode ser imaginada de modo algum. Outros atributos dessa força são: ela flui através de todas as coisas, 'através de todo esse imenso mundo', e é tão eterna como tudo que existe e não existe, tudo que 'está sendo'*".

Imaginação e Magia na visão de Paracelso

Segundo Paracelso, imaginação e magia estão intimamente ligadas. E nesse caso magia quer dizer ação direta sobre coisas, pessoas e todos os seres, sem ajuda da matéria. Ou, expresso de outro modo: o mago é capaz de causar efeitos físicos sem ajuda física. Porque, segundo o pensamento de Paracelso, toda natureza invisível se movimenta através da imaginação. Se a imaginação fosse forte o suficiente, nada seria impossível, porque ela é a origem de toda magia, de toda ação através da qual o invisível deixa seu rastro no visível. A energia da verdadeira imaginação pode transformar nossos corpos, e até influenciar no paraíso.

Paracelso reconheceu também que a fé fortalece a imaginação. Tudo isso inclui as curas milagrosas atribuídas a ele, que não podem ter sido somente o resultado dos remédios, em geral muito simples. É óbvio que eles serviram para influenciar conscientemente a força da imaginação de um doente. As pílulas que o médico suíço levava consigo no botão do punho de sua famosa espada foram, acima de tudo, meios de ajuda à ação mágica.

Baseando-se nesse fundo filosófico, Paracelso ligou as características exteriores de um remédio com as de uma doença. Um remédio “se mostra pela sua assinatura”, porque o exterior da planta de que ele é extraído espelha sua função e atributos. Assim, por exemplo, folhas em forma de coração foram recomendadas para doenças cardíacas. Mas também a época em que o remédio é tomado deve estar certa, pois a energia de uma planta só pode ser liberada durante determinadas constelações planetárias. Remédio, médico e doente formam um total ligadíssimo, de acordo com as leis da natureza. O conhecimento médico tem mais a ver com a intuição e a conhecida clarividência de Paracelso do que com o conhecimento intelectual.

Existem trabalhos em que se comparam as opiniões de Paracelso e da antroposofia, incluindo a homeopatia. As duas praticam uma “maneira solta de fazer perguntas”, partindo de uma imagem de muitas camadas de homens e doenças. Também se confirma um efeito direto de Paracelso sobre a homeopatia. Sua “graduação” pode ser comparada com potencialização dos remédios, característica da homeopatia desenvolvida pelo seu descobridor, Samuel Hahnemann, de modo “novo e espontâneo”, como também a preparação específica de substâncias naturais para remédios. Hahnemann, é claro, negou a influência de Paracelso e até falou com desprezo sobre ele.

Rudolf Steiner, pai da antroposofia, escreve: “Entre Paracelso e Hahnemann existe uma grande diferença: até certo ponto o médico do século 16 ainda era clarividente, Hahnemann não. Ele conseguiu testar o efeito dos remédios pelos sentidos”. E o historiador da medicina Heinrich Schipperges chega à conclusão de que Paracelso, como médico de seu tempo, não praticava medicina tradicional nem moderna, ou seja, ele não pode ser encaixado na medicina ortodoxa tampouco na medicina total. Sua medicina se apoiava muito mais num conceito claro e inconfundível, numa teoria da me-

dicina que tinha suas raízes na filosofia, que faz do homem um verdadeiro médico. No entanto, essa filosofia não confia apenas na natureza nem na mente; ela constrói da “luz da natureza” seu “cosmos anthropos”.

O que podemos aprender de Paracelso é principalmente a necessidade de pensar sobre a medicina e o que ocorre durante o tratamento. A popularidade de Paracelso continua hoje, porque ele tem algo para cada um: médicos tradicionais, totais, filósofos, esotéricos, etc. Ele conseguiu novidades no campo da química, da idéia de que para cada doença, deve existir um remédio específico.



**Médico, Alquimista, Filósofo,
Teólogo, Cabalista e Mago**

Também impressionam as “dicas” para o futuro que os escritos de Paracelso contêm. Pensamentos cósmicos estavam bem mais perto dele do que de nós, mesmo se tal pensamento hoje, já está começando novamente a ganhar terreno. Paracelso era um místico, alguém que viu a matéria penetrada pelo espiritual. Suas conclusões têm valor até hoje porque nenhum médico naturalista pode comparar-se com ele, e o fato de ele ter sido muito criticado tornou-o ainda mais interessante. Porque Paracelso, afinal, não apenas escreveu livros, mas também teve suas pró-

prias experiências e nunca teve medo de enfrentar as conseqüências negativas de seu pensamento não-conformista. Para ele serve o ditado: “*Quem consegue ser ele mesmo não deve pertencer a um outro*” tanto hoje como em qualquer outra época, em que cada um corre atrás de um outro guru.

Gunhild Porksen, tradutora de textos de Paracelso durante anos, diz que as controvérsias a respeito dele são causadas por seu comportamento grosseiro e rude. Ela chegou à conclusão de que ele era um homem de “*energias especiais*”. O fato é que ele sempre conseguiu entusiasmar pessoas bem diferentes como, por exemplo, Goethe em seu Fausto. Os sucessos astrológicos de Paracelso são famosos e ele, sem dúvida alguma, era um grande biólogo e um médico “*total*”, que entendeu muito do esoterismo. Era esotérico porque falou muito sobre o “*interior*” do homem e também sobre a influência das estrelas sobre os seres humanos.

Paracelso era um homem que, como ninguém, representava o esoterismo de sua época. Da ciência à Renascença, que se entregava cada vez mais a um especialismo acentuado, ele enfatizou um “*pensamento total*”. A natureza era sua professora que, para ele, era perfeita porque trabalha de acordo com um grande plano divino. E a idéia de Paracelso de que corpo e alma são uma unidade é um pensamento totalmente moderno, também reconhecido, cada vez mais, como uma verdade pela medicina moderna.

A Natureza

Observamos que Paracelso estabeleceu uma divisão dos elementos a serem estudados nos corpos animais, vegetais ou minerais. Dividiu-os em Fogo, Ar, Água e Terra, conforme tinham feito também os antigos. Esses elementos encontram-se presentes em todo corpo, seja ele organizado ou não, e são separáveis uns dos outros. Para efetuar a sepa-

ração, eram indispensáveis os laboratórios com material adequado. O forninho era insuficiente; carecia-se de um fogo capaz de tornar vermelho vivo o crisol para aumentar constantemente o calor quando se tornasse necessário. Era fundamental uma contínua provisão de água, de areia, de limalhas de ferro a fim de aquecer gradativamente os fornilhos. Nos armários e mesas do laboratório, havia balanças perfeitamente aferidas e niveladas, almofarizes, alambiques, retortas, cadinhos, esmaltados, vasos graduados, grande quantidade de vasilhas de cristal etc., além de um alambique especial para realizar as destilações.

Com um laboratório bem equipado, o alquimista capaz de aplicar-se rigorosamente, dedicado à minuciosa observação das regras alquímicas, está em condições de verificar as diferentes operações indispensáveis para analisar as substâncias escolhidas e extrair delas a quintessência ou o *arcana*”, isto é, as propriedades intrínsecas dos minerais e vegetais.

Às vezes infinitesimal em quantidade até nos grandes corpos, a quintessência afeta, contudo, a massa em todas as suas partes, da mesma forma que uma única gota de bÍlis produz mau humor ou uns centigramas de açafão são suficientes para colorir uma grande quantidade de água. Os metais, as pedras e suas variedades trazem em si mesmos a sua quintessência, o mesmo que os corpos orgânicos e, embora sejam considerados sem vida, possuem essências de corpos que viveram.

Esta é uma notável afirmação, que Paracelso sustenta com sua teoria de transmutação dos metais em substâncias diversas, teoria que também os ocultistas modernos defendem. Que clarividência possuía esse homem a respeito do reino mineral! Ninguém poderá negar a Paracelso o título de sábio, pois ele, com suas investigações sutis, soube desvendar os mais recônditos segredos da Natureza, que hoje em dia, sem dúvida, a ciência explica melhor, graças a descobertas de ob-

servadores que dispõem de maiores meios científicos, como demonstraram Madame Curie e seus colaboradores.

Quando examinamos o novo sistema de filosofia natural desenvolvido por Paracelso, não devemos esquecer que já transcorrem quatro séculos desde o seu aparecimento. Na realidade, foi ele quem concebeu essas investigações, inspirando com elas os grandes luminares de sua época e das gerações que se seguiram.

As investigações de Paracelso culminaram em sua *“Teoria das Três Substâncias”*, que são as bases necessárias a todos os corpos, a que ele chamou de enxofre, mercúrio e sal em sua linguagem cifrada. O enxofre significa o fogo; o mercúrio, a água; o sal, a terra. Ou, de outra maneira: a volatilidade, a fluidez, a solidez. Omitiu o ar por considerá-lo produto do fogo e da água.

Todos os corpos, orgânicos ou minerais, homem ou metal, ferro, diamante ou planta constituíam, segundo ele, combinações variadas desses elementos fundamentais. Seu ensinamento sobre a base e as qualidades da matéria se cinge a essa *“Teoria dos Três Princípios”*, que considerava premissas de toda atividade, os limites de toda análise e a parte constitutiva de todos os corpos. São eles a alma, o corpo e o espírito de toda matéria, que é única. A potência criadora da Natureza, que ele denominou *“archeus”*, proporciona à matéria uma infinidade de formas, contendo cada uma delas seu álcool, ou seja, sua alma animal e, por seu turno, seu *“ares”*, ou seja, seu caráter específico. Além disso, o homem possui o *“aluech”*, ou seja, a parte puramente espiritual.

Essa força criadora da Natureza é um espírito invisível e sublime: é como um artista que se compraz, variando os tipos e reproduzindo-os. Paracelso adotou os termos Macrocosmo e Microcosmo para expressar o gran-

de mundo (Universo) e o pequeno mundo (o Homem), os quais considera reflexo um do outro.

Além das investigações já citadas, descobriu o cloreto, o ópio, o sulfato de mercúrio, o calomelano e a flor de enxofre. No final do século XIX, receitavam-se ainda às crianças um laxante composto de xarope de morangueiro e pós cinzentos, constituindo remédio excelente em virtude da terapêutica de Paracelso. Igualmente, o unguento de zinco, que nunca deixou de ser receitado, tem sua origem no laboratório paracelsiano. Ele foi o primeiro a utilizar o mercúrio e, para certas doenças depauperantes, o láudano.

Cabala e Misticismo

Não há dúvida de que Paracelso foi um místico. Sua filosofia espiritual foi filha de seu precoce conhecimento do neoplatonismo; tinha como base a união com Deus. Mediante essa união, o espírito do homem procurava vencer as más influências, descobrir os arcanos da Natureza, conhecer o bem, discernir o mal e viver sempre dentro da fortaleza divina.

Paracelso soube identificar a mão de Deus em toda Natureza: nas entranhas das montanhas, onde os metais esperam a sua vontade; na abóbada celeste, onde por meio Dele se movem o sol e as estrelas; nas ribeiras, onde sua liberalidade derrama toda sorte de alimentos e a bebida para o homem; nos verdes prados e nos bosques, onde crescem miríades de ervas e de frutos benfazejos; nas fontes que proporcionam suas propriedades curativas. Enfim, viu que a terra era a grande obra de Deus e que era preciosa aos olhos Dele.

Paracelso era uma inteligência nítida e clara. Era bom e também sábio. Sua vida errante jamais o despojou dessa bondade que constantemente fez resplandecer os generosos impulsos de sua alma. Sentia como um artista

e pensava como um filósofo; por isso, soube irmanar as leis da Natureza com as da alma. Essa sensibilidade artística que nunca o abandonava constituiu a ponte entre Paracelso, homem e observador visionário da Realidade, ponte maravilhosa que repousava sobre as travessas de uma nova humanidade: a Renascença.

E sobre essa ponte audaz procedeu à construção do Universo, do qual Paracelso foi um de seus maiores arquitetos; pois, outra coisa não foi a declaração dos princípios do progresso espiritual, completada um pouco mais tarde por Giordano Bruno, poeta, filósofo, artista e investigador da Natureza.

Como as ondas do mar, o sentimento da Natureza se estendeu de Paracelso até os homens do futuro. Estes compreenderam, igualmente, a consagração das investigações e a alegria inefável de descobrir as Leis Divinas. Paracelso possuía essa propriedade que ainda hoje admiramos nos místicos clássicos, via Deus tanto na Natureza como no microcosmo e, pela meditação, foi tocado pela graça divina. Suas conclusões filosóficas formam a moral de um humanismo cristão. A confraternidade íntima dos filhos de Deus deve nascer de uma humanidade bem ordenada, do saber humano e do inapreciável valor da alma, em cada um dos seus membros.

Este Universo de formas e forças infinitas é, em sua unidade e em sua interdependência, a revelação das leis de Deus; a Natureza constitui o esteio e o verdadeiro amigo dos enfermos. E essa Natureza se encontra em todas as partes: na terra, onde o semeador opera seus milagres, ao confiar-lhe a semente; nas montanhas, onde morrem as árvores velhas para dar lugar às que nascem; nas florestas murmurantes; nas sebes; nos lagos, onde o sol brinca com a água; em todos os lugares está viva e eterna a mãe Natureza.

Paracelso emoldurou a Natureza com vistas imagens, comparações acertadas, enge-

nhosas alegorias e parábolas de sentido profundo. Numa linguagem rica e substanciosa, apresenta-nos o curso das estações, sua proximidade e seu fim. Pinta-nos a primavera, quando os novos ritmos se balançam álcres pelo ar; o verão, quando a jovem vida caminha rumo à colheita e o tempo revela os frutos sazoados; o outono, quando o trabalho chega ao seu fim e a vida enlanguesce; e, finalmente, descreve-nos o inverno, fazendo-nos sentir a doce visão de uma morte suave e tranqüila.

Como bom cristão, seguiu os ensinamentos de Jesus. *“O que Deus quer são nossos corações”* diz no *“Tratado das doenças invisíveis”*, e *“não as cerimônias, já que com elas a fé Nele perece. Se quisermos buscar a Deus, devemos buscá-lo dentro de nós mesmos, pois fora de nós jamais o encontraremos.”* Toma como ponto de apoio a Vida e a Doutrina de Nosso Senhor, porque nela está a única base de nossa crença:

“Ali está ela, na Vida Eterna, descrita pelos Evangelhos e nas Escrituras, onde encontramos tudo o de que necessitamos, tudo em absoluto. Só em Cristo há estado de graça espiritual e por nossa fé sincera seremos salvos. Basta-nos a fé em Deus e em seu único Filho. O que nos salva é a infinita misericórdia de Deus, que perdoa nossos erros. O Amor e a Fé são uma mesma coisa: o amor deriva da fé e o verdadeiro cristianismo se revela no amor e nas obras do amor”.

Acreditava que a perfeição da vida espiritual fora designada por Deus para todos os homens e não apenas para alguns anacoretas, monges e religiosos que não dispunham de nenhum mandato especial do Senhor para tomar sobre si a exclusividade de uma santidade a que muito poucos podem chegar.

“O Reino de Deus contém uma revelação íntima com nossa vida de fé e de amor, uma infinidade de mistérios que a alma penetrante vai descobrindo um por um. São os mistérios da providência de Deus, que todo aquele que investigar aca-

bará encontrando; são os mistérios da união com Deus; é o tabernáculo secreto, cujas portas se abrirão para todo aquele que clame. E os homens que sabem perscrutar e chamar são os profetas e os benfeitores de seu reinado. A eles são entregues as chaves que hão de abrir os tesouros da terra e dos céus. E eles serão os pastores, os apóstolos do mundo”.

O pensamento de Paracelso

Paracelso escrevia com uma clareza encantadora. Em seu estilo não se vê nenhuma complicação, nada daquela linguagem complicada e exagerada própria da Renascença. Seu discurso é contundente e ele se expressa como um homem convencido de que conhece profundamente o assunto de que trata. Em algumas de suas obras nota-se mais claramente a breve e fecunda expressão de um clarividente e seus pensamentos surgem numa linguagem que os torna atemporais, capazes de perdurar através dos séculos, numa atualidade surpreendente. Abaixo, alguns trechos de seus escritos:



“A Fé é uma estrela luminosa que guia o investigador através dos segredos da Natureza. É preciso que busqueis vosso ponto de apoio em Deus e que coloquais a vossa confiança em um credo divino, forte e puro; aproximai-vos Dele de todo o coração, cheios de amor e desinteressadamente. Se possuídes essa fé, Deus não vos esconderá a verdade, mas, pelo contrário, vos revelará suas obras de maneira visível e consoladora. A fé nas coisas da terra deve sustentar-se por meio das Sagradas Escrituras e pelo Verbo de Cristo, única maneira de repousar sobre uma base firme”.

“A virtude é a quarta coluna do templo da medicina e não há de fingir; significa o poder que resulta do fato de ser um homem na verdadeira aceção da palavra e de possuir não somente as teorias relativas ao tratamento da doença, mas igualmente o poder de curá-la”.

Da mesma forma que o verdadeiro sacerdote, o verdadeiro médico é ordenado por Deus. Com respeito a isso, assim se expressa Paracelso:

“Aquele que pode curar doenças é médico. Nem os imperadores, nem os papas, nem os colegas, nem as escolas superiores podem criar médicos. Podem outorgar privilégios e fazer com que uma pessoa, que não é médico, aparentemente o seja; podem conceder-lhe licença para matar, mas não podem dar-lhe o poder de curar; não podem fazer dessa pessoa um médico verdadeiro, se já não foi ordenada por Deus.”

“Se, por um espaço de alguns meses, observares rigorosamente as prescrições, que se seguem, ver-se-á operar, em tua vida uma mutação tão favorável, que nunca mais poderás esquecê-la. Mas, meu irmão, para que obtenhas o êxito desejado, é mister que adaptes tua vida à estrita observância destas regras. São simples e fáceis de seguir, mas é preciso observá-las com a máxima perseverança. Julgarás que a felicidade não vale um pouco de esforço? Se não és capaz de pões em prática estas regras, tão fáceis, terás o direito de te queixares do destino? Será tão difícil a tentativa de uma prova? São regras legadas pela antiga Sabedoria e há nelas mais transcendência do que simplicidade, como parece à primeira vista”.

“Antes de tudo, lembra-te de que não há nada melhor do que a saúde. Para isso deverás respi-

rar, com a maior frequência possível, profunda e ritmicamente, enchendo os pulmões ao ar livre ou defronte de uma janela aberta. Beber quotidianamente, a pequenos goles, dois litros de água, pelo menos; comer muitas frutas; mastigar bem os alimentos; evitar o álcool, o fumo e os medicamentos, salvo em caso de moléstia grave. Banhar-se diariamente, é um hábito que deverás à tua própria dignidade”.

“Banir absolutamente de teu ânimo, por mais razões que tenhas, toda a idéia de pessimismo, vingança, ódio, tédio, ou tristeza. Fugir como da peste, ao trato com pessoas maldizentes, invejosas, indolentes, intrigantes, vaidosas ou vulgares e inferiores pela natural baixaza de entendimentos ou pelos assuntos sensualistas, que são a base de suas conversas ou reflexos dos seus hábitos. A observância desta regra é de importância decisiva; trata-se de transformar a textura espiritual de tua alma. É o único meio de mudar o teu destino, uma vez que este depende dos teus atos e dos teus pensamentos: A fatalidade não existe”.

“Faze todo bem ao teu alcance. Auxilia a todo o infeliz sempre que possas, mas sempre de ânimo forte. Sê enérgico e foge de todo o sentimentalismo”.

“Esquece todas as ofensas que te façam, ainda mais, esforça-te por pensar o melhor possível do teu maior inimigo. Tua alma é um templo que não deve ser profanado pelo ódio”.

“Recolhe-te todos os dias, a um lugar onde ninguém te vá perturbar e possas, ao menos durante meia hora, comodamente sentado, de olhos cerrados, não pensar em coisa alguma. Isso fortifica o cérebro e o espírito e por-te-á em contato com as boas influências. Neste estado de recolhimento e silêncio, ocorrem-nos sempre idéias luminosas que podem modificar toda a nossa existência. Com o tempo, todos os problemas que parecem insolúveis serão resolvidos, vitoriosamente por uma voz interior que te guiará nesses instantes de silêncio, a sós com a tua consciên-

cia. Todos os grandes espíritos deixaram-se conduzir pelos conselhos dessa voz íntima. Mas, não te falará assim de súbito; tens que te preparar por algum tempo, destruir as capas superpostas dos velhos hábitos; pensamentos e erros, que envolvem o teu espírito, que embora divino e perfeito, não encontra os elementos que precisa para manifestar-se”.

“A carne é fraca. Deves guardar, em absoluto silêncio, todos os teus casos pessoais. Abster-se como se fizesses um juramento solene, de contar a qualquer pessoa, por mais íntima, tudo quanto penses, ouças, saibas, aprendas ou descubras. É uma regra de suma importância”.

“Não temas a ninguém nem te inspire a menor preocupação o dia de amanhã. Mantém tua alma sempre forte e sempre pura e tudo correrá e sairá bem. Nunca te julgues sozinho ou desamparado; atrás de ti existem exércitos poderosos que tua mente não pode conceber. Se elevas o teu espírito, não há mal que te atinja. Só a um inimigo deves temer: a ti mesmo. O medo e a dúvida no futuro são a origem funesta de todos os insucessos; atraem influências maléficas e estas, o inevitável desastre. Se observares as criaturas que se dizem felizes, verás que agem instintivamente de acordo com estas regras. Muitas das que alegam que possuem grandes fortunas podem não ser pessoas de bem, mas possuem muitas das virtudes acima mencionadas. Ademais, riqueza não quer dizer felicidade; pode se constituir em um dos melhores fatores, porque nos permite a prática de boas ações, mas a verdadeira felicidade só se alcança palmilhando outros caminhos, veredas por onde nunca transita o velho Satã da lenda, cujo nome verdadeiro é egoísmo”.

“Não te queixes de nada e de ninguém. Domina os teus sentidos, foge da modéstia como da vaidade; ambas são funestas e prejudiciais ao êxito. A modéstia tolherá tuas forças e a vaidade é tão nociva como se cometesses um pecado mortal contra o Espírito Santo. Muitas individualidades de real valor tombaram das altas culminâncias

atingidas, em consequência da Vaidade; a ela deveram certamente a sua queda Júlio César, aquele homem extraordinário que se chamou Napoleão e muitos outros. Oxalá, sigas sempre estas poucas regras para a tua felicidade, para o teu bem e a nossa alegria”.

“Todas as doenças têm seu princípio em alguma das três substâncias: Sal, Enxofre ou Mercúrio; quer dizer que podem ter sua origem no domínio da matéria, na esfera da alma, ou no reino do espírito. Se o corpo, a alma e a mente estão em perfeita harmonia, uns com os outros, não existe nenhuma discordância; mas se se origina uma causa de discordância em um destes três planos, isto se comunica aos demais”.

O verdadeiro médico não se jactância de sua habilidade nem elogia suas medicinas, nem procura monopolizar o direito de explorar o enfermo, pois sabe que é a obra que há de louvar o mestre, e não o mestre, a obra. Assim pensava Paracelso.

Profecias

Paracelso escreveu em 1536 “As Profecias dos Acontecimentos Futuros”, além de alguns discursos proféticos, mais tarde publicados em Hamburgo. Boa parte de suas profecias apresenta um desenho alegórico do tempo ou do personagem profetizado. Eis alguns extratos de suas profecias:

Paracelso vê o destino de João Paulo II: “Comerás o que não gostas”

“Dividiste o dever em direita e esquerda, como se fosse um peso. E todas as duas partes acabarão por esmagar-te. Chegarás a Roma de longe. De uma ferida sairá sangue. De uma ferida sairá a vida. Uma coroa será posta em ti. Mas antes, contra a tua vontade, comerás o que não gostas. ... O dilúvio cairá e um vento desastroso do leste soprará sobre ti, levantando a poeira da terra... O leão azul e branco marchará vitorioso. Aqueles do leste terão a vitória, mas a vitória durará poucas luas.”

Paracelso vê a Rússia, escolhida como chicote para o castigo dos crimes da Igreja – destruição de Paris

“Embora o sol então brilhasse sobre ti, enriqueste com o roubo e com o saque. Estavas sentada entre as abelhas e o trigo, mas não foste previdente e esqueceste o quanto é duro o inverno. Serás obrigada a comer as próprias patas. És como o urso, cheia de força, mas morrerás de fome. E isso acontecerá quando Paris, Londres e Roma terão o urso (Rússia) como brasão. ... Atenção bela cidade, que foste o brilho da Europa, porque sobre ti virá o fogo... O dragão cansará a Águia”.

Paracelso vê o “Último Papa”.

“Estás predestinado a ser rodeado por muitas adversidades. Tens o nome de uma pedra. E és uma pedra larga e delgada. Cairás sob o castigo que quebrou todos os impérios. E a tua sabedoria, no final dos tempos, será definida como loucura”.

Paracelso vê o Antipapa no lugar do último Papa:

“Tu tens reunido amiúde com aquele que um tempo foi inimigo. Perceberás que todas as coisas são inúteis. Terás de superar sozinho as dificuldades e terás de refletir sobre quem és. Sentarás na cadeira de Pedro e dela cairás.”

As causas ocultas das doenças de acordo com Paracelso

Paracelso determinou os seguintes “Cinco Princípios”, pelos quais surgem as verdadeiras causas das doenças:

- **Ens Astrale ou Princípio Astral** - Baseia-se em realidades cósmicas, as causas são do tipo astral, ou causadas no corpo astral pessoal ou pelo mundo astral. Influências climáticas e infecções podem ser também incorporadas.

Efeito: Todos os vícios, epidemias, ódio, vida psíquica impura

Remédio: Autocontrole, autodisciplina, bondade, amor, compaixão

Emoção: Simpatia/pensamentos (terra)

Cor: Amarelo

Som: Canto (boca)

- **Ens Veneni ou Princípio Venenoso** - Surge dos venenos e envenenamentos do corpo humano, portanto uma desarmonia de impurezas, má alimentação, má respiração, todas as coisas contrárias à constituição da pessoa.

Efeito: Vida desregrada, drogas (ópio, cocaína, fumo, bebida)

Remédio: Cuidar de ter uma boa alimentação/homeopatia

Emoção: Tristeza/preocupação (ar)

Cor: Branco

Som: Choro (nariz)

- **Ens Naturale ou Princípio Natural** - Fica na constituição natural (natureza) do homem. Você não pode fugir de si mesmo. As causas são predeterminadas, fixas. São doenças herdadas, que já vem com o nascimento. Não podem ser curadas com substâncias materiais, somente seu efeito pode ser amenizado.

Efeito: Todas as influências hereditárias

Remédio: Magnetismo e alopatia

Emoção: Medo (água)

Cor: Preta

Som: Gemido (ouvidos)

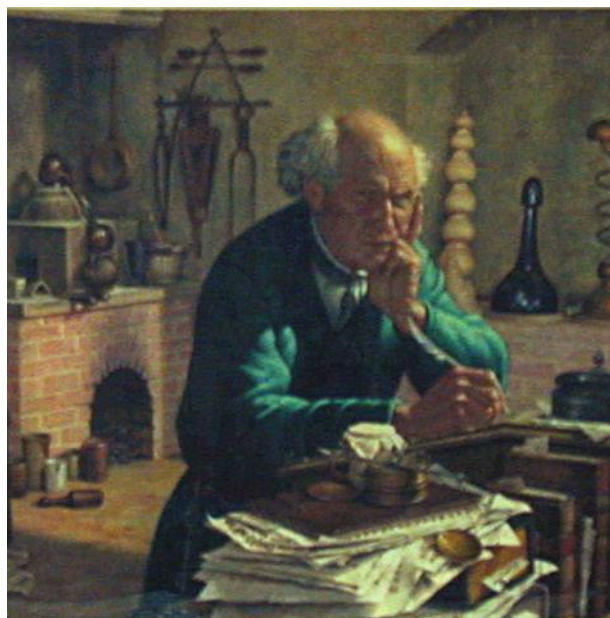
- **Ens Spirituale ou Princípio Espiritual** - As causas da doença são de origem mágica, originadas ou de espiritualidade estranha ou do próprio espírito, às quais fica submetida, sem a percepção do corpo e da alma. Compreende todas as doenças causadas por uma imaginação doentia e uma vontade mal dirigida, são as doenças psíquicas ou da idéia.

Efeito: Teimosia, vacilação, preocupações, obsessão, obstinações

Emoção: Raiva/zanga (madeira)

Cor: Verde

Som: Grito (olhos)



- **Ens Dei ou Princípio Divino** - Só podem ser curadas quando o homem alcançou o devido amadurecimento através delas. Estas doenças são impostas com fins de purificação. O médico não pode fazer nada, é Carma.

Efeito: Carma leve, moderado, pesado

Remédio: Ser um mago para chegar até ao segredo da doença e reconhecer a hora certa para intervir

Emoção: Alegria (fogo)

Cor: Vermelho

Som: Riso (língua)

Ainda segundo Paracelso, as doenças são catalogadas da seguinte forma:

Do lado direito do corpo tudo é **físico**

Do lado esquerdo do corpo tudo é **psíquico**

Do lado da frente do corpo tudo é **positivo (elétrico)**

Do lado das costas do corpo tudo é **negativo (magnético)**

A Magia Elemental

Para Paracelso, da mesma maneira que a natureza visível é habitada por um número infinito de seres, a contraparte invisível e espiritual da natureza é habitada por uma hoste de seres peculiares, aos quais ele deu o nome de elementais e que, posteriormente, foram chamados espíritos da natureza.

Paracelso dividiu essa população dos elementos em quatro grupos distintos: gnomos, os espíritos da terra, que denominava de “*pigmaci*”; ondinas, espíritos da água, que chamava de “*nenufdreni*”; silfos, espíritos do ar, que chamava de “*melosinae*” e salamandras, espíritos do fogo, que chamava de “*acthnic*”. Ele pensava que fossem criaturas realmente vivas que habitavam seus próprios mundos, invisíveis para nós porque os sentidos subdesenvolvidos dos homens eram incapazes de funcionar para além das limitações dos elementos mais densos.



De acordo com Paracelso, os elementais não seriam nem criaturas espirituais nem materiais, embora compostos de uma substância que pode ser chamada de éter. Em suma, esses seres ocupariam um lugar entre os homens e os espíritos. Por essa razão também não seriam imortais, mas quando morressem simplesmente se desintegrariam, voltando ao elemento do qual originalmente tinham se individualizado. Segundo ele, os elementais compostos do éter terrestre são os que vivem menos; os do ar, os que vivem mais. A duração média de vida fica entre os 300 e os

mil anos. Supõe-se que tais criaturas sejam incapazes de desenvolvimento espiritual, mas algumas delas são de elevado caráter moral. Para a Escola Teosófica, entretanto, os elementais seguiriam uma escala de evolução até se tornarem anjos. Começam no elemento mais próximo do homem até chegar em um nível mais próximo de Deus. As civilizações da Grécia, de Roma, do Egito, da China e da Índia acreditavam implicitamente em sátiros, espíritos e duendes. Elas povoavam o mar com sereias, os rios e as fontes com ninfas, o ar com fadas, o fogo com lares e penates, a terra com faunos, dríades e hamadríades. Esses espíritos da natureza eram tidos em alta conta, e a eles eram dedicadas oferendas. Ocasionalmente, dependendo das condições atmosféricas ou da sensibilidade do devoto, eles se tornam visíveis. Bom número de autoridades é de opinião que muitos dos deuses cultuados pelos pagãos eram na verdade esses habitantes dos reinos mais sutis da natureza, pois acreditava-se que muitos desses seres invisíveis eram de estatura imponente e maneiras majestosas. Os gregos chamavam alguns desses elementais de “*daemon*”, especialmente os das ordens mais altas, e os cultuavam.

Assim como os anjos das hierarquias mais altas, os elementais canalizam a energia do Criador, a tensão divina que faz o mundo existir. Assim como vivemos sob a cúpula de luz do anjo da guarda, que representa a ligação entre nós e o resto do universo e ao Criador que nos dá existência, os anjos dos elementos retransmitiriam essa energia divina para um mineral, vegetal ou animal.

A Magia Elemental, portanto, é a antiqüíssima ciência que versa acerca dos elementais e a manipulação de seus poderes ocultos e mágicos. Os antigos índios americanos, os alquimistas medievais, os taoístas e xintoístas e os cabalistas árabes (Ordem Sufi dos Zuhrawardi) e os hebreus não desconheciam essa Ciência.

Paracelso foi quem sistematizou e classificou

os elementais de uma forma extremamente didática e sintética. Seu sistema médico e mágico é baseado nas forças astrais que regem toda a natureza, representadas pelos sete planetas: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno.

Tais vibrações setenárias refletem-se em nosso Sistema Solar de diversas maneiras: cores do arco-íris, dias da semana, sub-níveis das camadas eletrônicas, notas musicais, sentidos paranormais, anatomia oculta do etc. Vê-se isto na fisiologia e anatomia dos seres vegetais e animais e também nas configurações química e cromática, no reino mineral.

De acordo com as classificações de Paracelso, pode-se distribuir diversos seres elementais de acordo com os 12 signos zodiacais e também de acordo com os planetas astrológicos. Acreditando que o homem tinha auto-suficiência e o poder da auto cura, ele dividiu os elementais em:

Elementais da Terra: Gnomos, aos quais depois se uniram os Duendes - Os gnomos ficaram como senhores do reino mineral e os duendes responsáveis pelo reino vegetal. Os Gnomos servem no plano físico, bem atrás do véu ou espectro da visão comum. Eles governam e preservam o corpo da terra, mantêm o equilíbrio das forças naturais do planeta e cuidam que todas as necessidades diárias de todos os seres vivos sejam atendidas. É o Gnomo que faz com que um animal que esta com sede no deserto caminhe em direção à água que procura, mesmo que morra na busca, o animal sempre estará indo na direção certa.

Elementais da Água: Ondinas, que depois se uniram às Sereias e às Ninfas - As ondinas ficaram com os riachos, fontes, no orvalho das folhas, sobre as águas e nos musgos. As sereias, com as águas dos mares e as ninfas, que seriam ondinas menores, encontram-se em tal estado de suavidade e leveza, que parecem levitar sobre as águas. As Ondinas

fazem um trabalho sério com os oceanos, rios, lagos e pingos de chuva, que fazem sua parte na reforma do corpo físico da terra e do ser humano. As Ondinas governam os ciclos da fertilidade e do elemento ou corpo da água.



Elementais do Fogo: Salamandras reinam no elemento fogo e guardam os mistérios e segredos desse elemento, que corresponde ao plano ou corpo etérico. Precisamente em que ponto o fogo físico, indefinido e difícil de controlar, se transforma em fogo sagrado no plano etérico, é ensinado pelo Espírito Santo de Deus, observado pelo coração sagrado dos santos, levemente tocado por cientistas nucleares, mas firmemente seguro nas mãos das Salamandras.

Elementais do Ar: Silfos, que depois uniram-se às Hamadriádes e às Fadas - silfos, reinam no ar, nos ventos, assemelhando-se aos anjos. Tem a sensibilidade muita acentuada, e modelam as nuvens com suas brincadeiras. Já as fadas, ligadas à terra e ao ar, brilham luminosamente com um tom branco. São alegres, joviais e minuciosas, sendo que também podem desenvolver aspectos terrivelmente negativos, como reprovação às maldades humanas. Os Sílfides servem o domínio dos céus, da purificação do ar, e do sistema de pressão do ar. Isto tudo é percebido nas mudanças alquímicas do tempo e nos ciclos de fotossíntese e precipitação. Estes elementais do ar são mestres, que expandem e contraem seus corpos de ar de níveis microcosmicos a macrocosmicos. Sempre mantendo a chama pa-

ra o reino da mente, que corresponde ao plano ou corpo do ar.



Como utilizar estes seres se eles vivem em outra dimensão? Como comunicar-nos com eles? Como falar com quem não vemos? O quê fazer para poder vê-los? Inúmeras são as perguntas e inúmeras são as respostas. Dimensão é uma palavra que significa tamanho, extensão, ou espaço. Como cada espaço é repleto ou preenchido por energia Divina vibrando de forma diferente, chamamos cada espaço ou dimensão de plano.

A ciência moderna depara-se com um grande enigma quanto à investigação da origem da matéria densa. Todo objeto de matéria densa, quando visto aos olhos de microscópios eletrônicos, revela-se feito de várias cargas elétricas e partículas em constante movimento. De alguma maneira, estas cargas elétricas em constante movimentação, criam a aparência da forma física. Nós podemos tocar a matéria de uma pedra, de uma cadeira, ou de um ser humano, mas se visualizarmos qualquer um destes materiais, sob o auxílio de um poderoso microscópio, veremos que o físico está dissolvido em um mar de pequenos impulsos elétricos.

Como estas forças elétricas se organizam para produzir a forma, é o que ainda é um mistério para a ciência moderna. É claro que existe uma força que faz a ponte para que estas forças elétricas se organizem a ponto de formar a forma física. Esta força é a hie-

rarquia cósmica dos seres de luz. Sem estes seres cósmicos de luz, não haveria a forma organizada e inteligente que conhecemos. Toda a forma é a mistura da relação entre os seres cósmicos e os seres atômicos. Os seres de luz, são os responsáveis diretos por esta organização atômica. Estes seres são o instrumento pelo qual conseguimos organizar a matéria atômica em formatos diferentes.

O crescimento de uma planta, por exemplo, necessita da interferência dos seres de luz para poder acontecer. A pedra, para se transformar em diamante também sofre a interferência destes seres. Tudo o que se transforma, até mesmo a desintegração de um alimento ao sol, ou o envelhecimento do ser humano, recebe interferência direta dos seres de luz. Os seres sem luz, também têm este poder, porém, não têm a organização e perfeição que tem os seres de luz.

A hierarquia cósmica é similar à hierarquia atômica. Os seres cósmicos de luz se manifestam pela primeira vez na Ordem dos Elohim, na forma de elementais do fogo, do ar, da água, e da terra, já definidos acima. Após a educação e vivência, como elementais do fogo, do ar, da água e da terra, os seres de luz, assim como os seres atômicos, têm uma evolução natural de sua consciência, evoluem para seres angelicais, onde poderão continuar seu crescimento na hierarquia cósmica. Na escalada da evolução, esses seres partem dos pequenos elementais da terra seguindo até os dirigentes de grandes extensões e compreensão, chamados Devas e Elohim. Estes já desenvolvem seu trabalho de criação dos universos junto à Hierarquia Espiritual.

A história nos conta sobre esses seres, desde a mais remota antiguidade. E, os antepassados de toda a humanidade legaram inúmeros relatos a respeito dos mesmos. No início dos tempos, os seres da natureza, encarregados de cada elementos, cuidaram para que tudo fosse feito com exatidão e ordem:

- Na terra ainda como uma massa de gases de matéria incandescente radioativa, coube aos elementais do fogo executarem seu trabalho;

- Na época dos grandes ventos, os elementais do ar, zelaram pela evolução desses gases de modo a tornar o ambiente apto a receber formas de vida;

- Quando esses gases se precipitaram sobre a água, os elementais da água modificaram o aspecto denso desse líquido;

- Então, iniciou-se a solidificação, surgindo aos poucos os continentes que foram fertilizados pelos elementais da terra.

Como se vê, a criação representa um todo inseparável, formando uma corrente cujos elos não podem ser rompidos, se não quisermos provocar uma catástrofe de caráter irremediável.

Outros estudos e a influência de seu trabalho e pensamento

Conforme se vê, Paracelso era um místico e um cabalista perfeito, dentro do mais puro espírito cristão. Aceitou, contudo, muitas das crenças tão em voga em sua época, referentes aos poderes ocultos e às forças invisíveis. Acreditava, igualmente, na existência real dos elementais, isto é, nos espíritos do fogo, aos quais dava o nome de “*acthnic*”; nos do ar, que chamava de “*melosinae*”; nos da água, que chamava de “*nenufdreni*”; e nos da terra, que denominava de “*pigmaci*”. Além disso, admitia a realidade das dríadas, a que atribuía o nome de “*durdales*”, e dos espíritos familiares (os deuses penates dos romanos), que alcunhava de “*flagae*”. Afirmou também, a existência do corpo astral do homem, que chamava de “*aventrum*”, e do corpo astral das plantas, a que deu o nome de “*leffas*”.

Do mesmo modo, tratou profundamente da levitação, que chamou de “*mangonaria*”, e muito especialmente da clarividência, que denominava de “*nectromantia*”. Acreditava nos duendes, nos fantasmas e nos presságios. Seu “*Arquidoxo mágico*”, livro sobre amuletos e talismãs, é também muito interessante, visto que nele expõe seu conhecimento acerca da imensa força do magnetismo. Combinou metais sob determinadas influências planetárias, com o objetivo de fabricar talismãs contra certas doenças, e o mais eficaz deles é aquele que chama de “*Magneticum magicum*”. Esse talismã se compõe de sete metais (ouro, prata, cobre, ferro, estanho, chumbo e mercúrio) e neles estão gravados signos celestes e caracteres cabalísticos.

Entendia, também, que as pedras preciosas possuíam propriedades ocultas para curar determinadas doenças. Os anéis e medalhas em que se montavam essas pedras levaram o nome de “*gamathe*”. Cada um deles possuía virtudes especiais. Uma de suas pedras preferidas era a chamada “*bezoar*”, que não é oriunda nem das montanhas nem das minas, mas que se forma no estômago de certos animais herbívoros, por crescimentos justapostos e concêntricos de fosfatos de cálcio, que o estômago não conseguiu expulsar.

Suas opiniões a respeito das pedras preciosas foram adotadas pelos membros da Rosa-Cruz, que elaboraram as interpretações físicas e espirituais dos poderes misteriosos do diamante, da safira, da ametista, do topázio, da esmeralda e da opala.

Os alquimistas, herdeiros do modo de pensar gnóstico, sempre encararam a natureza como a própria divindade, e viam em suas múltiplas manifestações uma espécie de escrita cifrada, algo como um incomensurável criptograma, por trás do qual o Criador pode sempre se ocultar, e ao mesmo tempo revelar-se de modo sábio e discreto. Paracelso num de seus inúmeros tratados alquímicos, “*Paraminum*”, discorre acerca de sua te-

oria dos sinais ou das “assinaturas”, segundo a qual cada coisa da natureza, ser vivente ou não, guarda em si traços visíveis e invisíveis de similitude, de modo que tudo no Universo acha-se intimamente relacionado entre si, posto que cada uma de suas partes, desde as mais diminutas células às grandes estruturas, desde o átomo até as estrelas, permeia-se de uma única e mesma essência, perceptível apenas aos olhos argutos dos iniciados, treinados a “ler” esta escrita divina.

Uma das principais técnicas destinadas a esse propósito era a fisiognomonia (“gnomos” = conhecimento + “phisis” = natureza), muito explorada por Paracelso e outros alquimistas de sua época, que consistia em observar as muitas faces da natureza para daí depreender um entendimento das intenções de Deus potencialmente guardadas em cada coisa que se nos apresenta. Tal leitura tanto se fazia por meio dos rostos (fisionomia) das pessoas, verdadeiros mapas a estampar nosso caráter, bem como podia ser abstraída por analogia, de modo mais discreto, a partir das outras infinitas formas segundo as quais a natureza se revela.

Com base nisso, Paracelso desenvolveu a tese de que determinadas plantas, dado ao aspecto externo de suas folhas, serviriam preferencialmente ao tratamento de afecções de determinados órgãos, por assemelharem-se ao formato anatômico destes, já que a saúde nada mais é que uma condição de respeito pela harmonia inerente ao Universo, em razão do que todo médico deveria regrar-se em sua terapêutica pelo grande princípio “*Simila Similibus Curantur*”, ou seja, “*Semelhante cura o semelhante*”. Receitar nozes, por exemplo, faria bem ao sistema nervoso, por sua semelhança com o cérebro; feijões preferencialmente seriam protetores de nossos rins, e assim por diante.

Influenciado amplamente pela obra paracélsica, o sapateiro filósofo Jacob Boehme (1575-1624), natural de Görlitz, Alemanha, enunciaria em 1622, em sua “*De Signatura Rerum*”:

“Não existe nenhuma coisa na natureza, criada ou dada à luz, que não revele exteriormente a sua forma interior, porque tudo o que é íntimo tende sempre a manifestar-se (...) como podemos observar e constatar com as estrelas e os elementos, com as criaturas, e com as árvores e as plantas (...). É por isso que a assinatura constitui uma fonte de compreensão, através da qual o homem não só se conhece a si próprio, mas pode reconhecer a quintessência de todos os seres”.

Um dos grandes sábios contemporâneos que nos ensina a perceber a assinatura de Deus em todas as coisas é Carl Jung (1875-1961), por meio de seu conceito de sincronicidade, enunciado em 1951. Jung chama de sincronicidade toda coincidência significativa de eventos extraordinários, que, uma vez por nós presenciada, induz nossa consciência a abstrair desses fenômenos espontâneos e comuns algum tipo de significado que nos sirva intimamente, sugerindo-nos que algo existe entre nós e o meio em que vivemos, cuja essência resta sempre incapturável pelo olhar estrito da razão, forçando-nos a um entendimento analógico ou mesmo intuitivo das circunstâncias envolvidas. Parece às vezes que Deus se diverte em nos pregar algumas peças, muito oportunas a propósito para nosso aprendizado, e que os anjos todos nos observam com cumplicidade e alegria quando quer que nossas consciências tornam-se aguçadas pela experiência sincrônica, que nos sintoniza a alma com uma dimensão superior à da realidade corriqueira.

Entretanto, mesmo a lide cotidiana, as vicissitudes do dia a dia; enfim, toda e qualquer situação por qual passamos, toda dificuldade que se nos interpõe, independentemente das sincronicidades de Jung, encerra Deus de alguma forma em seu bojo; são sempre expressões da divindade disfarçadas em dias e noites, em horas de alegria ou de tristeza, em momentos de paz ou provação.

O poeta Walt Whitman soube dizer isso: “*Eu vejo alguma coisa de Deus em cada hora das*

vinte e quatro, e em cada momento. No rosto dos homens e das mulheres eu vejo Deus, e no meu próprio rosto no espelho. Eu encontro cartas de Deus caídas na rua, e cada uma delas assinada com o nome de Deus. Eu as deixo onde estão, pois sei que não importa aonde eu vá, outras virão... infalivelmente... eternamente!”

Paracelso assistira à descoberta dos minérios magnéticos, até então desconhecidos para o mundo, fato que lhe trouxe a certeza de que forças invisíveis operam na natureza; e nobre seria o médico que pudesse encontrá-las e dirigi-las para a cura. Entendia ainda que a fé fosse instrumento para o mesmo fim, sendo o medo das doenças mais terrível que elas próprias; por isso procurava suggestionar seus pacientes de modo a fazê-los crer que ficariam sãos.

Mesmer seguiu à risca o modelo da anamnese de Paracelso. Quebrando o protocolo, aceitava discutir com seus pacientes as possíveis causas de seus males, dando-lhes ouvidos e atenção antes de prescrever. Por essa simples razão, seu consultório tornou-se muito concorrido.

A morte de Paracelso

Existem muitas lendas em torno da morte de Paracelso. Alguns dizem que os médicos de Salzburgo contrataram a sua morte, outros dizem que foi envenenado por seus desfeitos. Na verdade, segundo testemunho fidedigno, Paracelso morreu em consequência de uma doença progressiva. Parece que juntamente com o progresso da doença, que o debilitava fisicamente, crescia na mesma proporção sua fortaleza de espírito.

Pouco antes de morrer, escrevia suas meditações sobre a vida espiritual. Um dos seus últimos escritos, inacabado, intitulava-se: *“Referente à Santíssima Trindade, escrito em Salzburgo, durante a véspera da Natividade de Nossa Senhora”*, que foi publicado em 1570.

Nos seus últimos dias neste mundo, mudou-se para um espaçoso aposento na Pousada do Cavallo Branco, em Kaygasse, onde ditou a um escrivão público, suas últimas vontades. Ao seu redor reuniram-se seis testemunhas e seu testamento começa assim:

“O mui sábio e honorável mestre Teofrasto de Hohenheim, doutor em ciências e medicina, débil de corpo, sentado em seu rústico leito de campanha, porém com espírito lúcido, probo de coração, entrega sua vida, sua morte, sua alma à salvaguarda e proteção do Todo-Poderoso. Sua fé inquebrantável espera que o Eterno Misericordioso não permitirá que os amargos sofrimentos, o martírio a morte de seu Filho Único, Nosso Senhor Jesus Cristo, sejam estéreis e impotentes para a salvação deste seu humilde servo”.

Depois determinou que seus poucos bens (seus livros, suas roupas, suas drogas e suas ervas) fossem distribuídas com equidade e dispôs sobre seu enterro, para o qual escolheu a igreja de São Sebastião, além de pedir que ali entoassem os Salmos 1, 7 e 30. Entre a leitura cada um deles, se distribuiria dinheiro aos pobres que estivessem em frente à igreja. A escolha dos Salmos representa a confissão de sua fé e a convicção de que sua vida não tinha que desaparecer com ele, mas passar para a eternidade.

Após ditar seu testamento, viveu apenas três dias. A morte não o assustava, segundo ele a morte *“era o fim de sua jornada trabalhosa e a colheita de Deus”*. Faleceu no dia 24 de setembro, dia de São Ruperto, festa muito importante e celebrada em Salzburgo. O príncipe arcebispo da cidade, ordenou que os funerais do grande médico fossem celebrados com toda pompa.

Cinquenta anos depois de sua morte, seu túmulo foi aberto. Retiram-se seus ossos que foram trasladados para outra sepultura mais bem disposta, encravada numa das paredes da igreja de São Sebastião. O executor testamentário de Paracelso, Miguel Setznagel, mandou colocar uma lápide de mármore ver-

melho sobre o túmulo, com uma inscrição comemorativa em latim, que dizia o seguinte:

“Aqui jaz Felipe Teofrasto de Hohenheim, famoso doutor em medicina que curou toda espécie de feridas, a lepra, a gota, a hidropisia e várias outras doenças do corpo, com ciência maravilhosa. Morreu no dia 24 de setembro de 1541”.

A terapia das plantas

A fitoterapia é a ciência que estuda a utilização de produtos de origem vegetal com finalidades terapêuticas, sendo para prevenir, atenuar ou curar um estado patológico. A palavra fitoterapia é formada por dois radicais gregos: fito vem “*phyton*”, que significa planta, e terapia vem de “*therapia*”, que significa tratamento, ou seja, tratamento em que se utilizam plantas medicinais.

Embora muitas pessoas ignorem a importância das plantas medicinais, sabe-se que toda a farmacologia tem como base exatamente os princípios ativos das plantas. Na verdade, a farmacologia moderna não existiria sem a botânica, a toxicologia e a herança de conhecimentos adquiridos através de séculos de prática médica ligada ao emprego dos vegetais. Apesar do avanço da tecnologia, que diariamente cria novos compostos e substâncias sintéticas com poderes medicinais, mais de 40% de toda a matéria-prima dos remédios encontrados hoje nas farmácias continua sendo de origem vegetal.

Todo medicamento, inclusive os fitoterápicos, deve ser usado segundo orientação médica. É claro que dificilmente chega-se a uma overdose de chá de camomila, mas há ainda muitas plantas cujos efeitos não são bem conhecidos e seu uso indiscriminado pode prejudicar a saúde. Por outro lado, vários estudos científicos comprovam que a fitoterapia pode oferecer soluções eficazes e mais baratas para diversas doenças.

Algumas ervas importantes e seus principais usos

Açafrão: Tanto o óleo (empregado em massagens) como a tintura são úteis para combater anemia, a fraqueza e a melancolia.

Alecrim: O óleo das flores, em massagens leves, alivia as dores reumáticas. O chá das folhas é útil contra a epilepsia, a lepra, a sífilis e as feridas em geral.

Amendoeira: Seus frutos, tônicos e fortificantes, melhoram as inflamações e são indicados para os casos de bronquite.

Angélica: O chá das folhas tonifica o estômago. O chá da raiz, aplicado externamente, ajuda nos casos de gangrena e nas mordeduras venosas. O chá da planta inteira, tomado diariamente em jejum, é muito eficaz nas toses crônicas.

Arnica: O sumo vegetal é muito bom para curar feridas, nas contusões e fraturas.



Arruda-silvestre: Provoca a menstruação e combate a anemia das adolescentes.

Artemísia: O chá é indicado contra a epilepsia e a coréia (distúrbio encefálico caracterizado por movimentos musculares anormais e espontâneos, que sugerem uma dança). Cozida em vinhos e ingerida em pequenas doses

freqüentes é um excelente antiabortivo.

Camomila: Quando colhida na conjunção de Marte com a Lua e o Sol, tem o poder de curar nódulos linfáticos das doenças tumorais do tórax. Úteis em crises de histeria e nas febres intermitentes.



Canela: Pela destilação prolongada de suas folhas obtém-se um óleo avermelhado que funciona como um tônico excelente, quando aplicado com massagens suaves.

Celidônia: É importante escolher aquelas que nascem em ruínas ou locais abandonados. A raiz macerada é um bom remédio para a garganta e para as inflamações graves.

Cevada: O chá das sementes ou as próprias sementes cozidas constituem um bom diurético e refrescante do sangue.

Erva-cidreira: Paracelso ensinava que o chá desta planta alivia as dores do parto e auxilia a expulsão da criança e da placenta.

Erva-de-são-joão: Útil nas cólicas e nas diarréias dolorosas.

Laranjeira: A casca do fruto, em infusão, combate a hemorragia uterina. Como alimento, a fruta é benéfica para a garganta e os intestinos.

Loureiro: Suas vagens têm propriedades vermífugas. A ação de qualquer parte da planta é antimicrobiana. O suco das folhas, tomado na

dose de 3 a 4 gotas diluídas em água, ajuda na menstruação, corrige os desarranjos do estômago, melhora a surdez, as dores de ouvido e as manchas do rosto. Ideal quando colhida sob a influência de Marte.

Nogueira: O chá das folhas, por decocção (2 xícaras grandes, duas vezes ao dia), é um bom tratamento para feridas, erupções cutâneas e tumores. Deve ser usado por tempo prolongado. Na Idade Média, o chá de noqueira era um famoso tratamento contra a sífilis. A casca da raiz é um forte antídoto para vários venenos e cura as inflamações da boca, além de ser vomitiva.

Oliveira: O óleo de oliva tem a propriedade de condensar energia vital e força energética quando ingerido ou utilizado em massagens vigorosas na pele.

Peônia: Com as sementes que surgem da primeira florada faz-se um colar para ser dependurado no pescoço de uma criança epiléptica; concomitantemente deve ser ministrado um chá da decocção de parte das sementes. O chá das folhas alivia as dores de cabeça e as dores do parto.

Sândalo-vermelho: A massagem com o óleo ou com o pó perfumado da casca é útil contra hemorragias.

Sene: O chá por decocção tem um forte efeito purgativo. Melhor quando colhido na Lua cheia.

Tanchagem: O chá da raiz é cicatrizante para úlceras internas e externas, bom nas enxaquecas e nos casos de fluxo menstrual muito abundante. Com as folhas prepara-se um cataplasma, ótimo tratamento para a febre amarela, disenteria e doenças inflamatórias dos olhos.

Videira: O cataplasma feito com uvas assadas e transformadas em pó é muito bom para as dores severas do abdome. O suco das folhas tem excelente aplicação nos casos de disen-

terias fortes.

Os astros e as plantas

Uma vez que todos os planetas de nosso sistema solar orbitam aproximadamente o mesmo plano, vemos o Sol e os planetas desfilar pelo céu sempre pelo mesmo caminho aparente. Este caminho percorrido pelos planetas, que leva o nome de Zodíaco, está dividido em doze constelações distribuídas em quatro grupos de três. Cada grupo está ligado a um dos elementos: terra, fogo, ar e água.

Todos os planetas influenciam o reino vegetal de modo a imprimir nele suas principais características, mas o Sol e a Lua a exercem sua influência de maneira mais acentuada. Eis a influência dos planetas numa árvore:

Flores: Vênus

Frutos: Júpiter

Folhas: Lua

Cascas e sementes: Mercúrio

Tronco: Marte

Raízes: Saturno

Sol: toda a planta.

A Lua, embora exerça maior influência sobre as folhas, à medida que passa pelas constelações transmite ao solo, e também ao reino vegetal como um todo, forças que vão beneficiar todas as suas partes. Por exemplo:

- Raízes: serão beneficiadas pela passagem da Lua pelas constelações regidas pelo elemento terra;
- Folhas e caules: serão beneficiados pela passagem da Lua pelas constelações regidas pelo elemento água;
- Flores: serão beneficiadas pela passagem da Lua pelas constelações regidas pelo elemento ar;
- Frutos e sementes: serão beneficiadas pela passagem da Lua pelas constelações regidas pelo elemento fogo.

As fases da Lua também participam do processo vital dos vegetais. Através dos tempos, o homem observou que as fases da Lua estão ligadas ao aproveitamento correto da luminosidade que, embora menos intensa que a solar, penetra mais fundo no solo e, assim, acelera o processo de germinação das sementes. Dessa maneira, as plantas que recebem mais luminosidade lunar na sua primeira fase de vida, tendem a brotar rapidamente, desenvolvendo mais folhas e flores, realizando a fotossíntese com mais eficácia. Então:

Lua Nova é boa para fazer podas, capinar o mato (porque demora mais para crescer), colher raízes suculentas e fazer adubação;

Lua Crescente é boa para preparar a terra; semear e colher folhas e frutos; fazer enxertos; plantar flores e folhagens em vasos;

Lua Cheia não é boa para plantar nem transplantar e muito menos capinar, pois o mato cresce mais rapidamente. A seiva das plantas concentra-se toda nas extremidades e o ideal é não mexer nas plantas;

Lua Minguante é boa para plantar e colher raízes; colher e armazenar grãos.

A seguir, a descrição das principais características das plantas segundo a influência planetária que sofrem assim como alguns exemplos de plantas que representam, no reino vegetal, as energias de cada um desses planetas.

Plantas Lunares: são de folhas grandes ou pequenas, mas abundantes; as flores são brancas ou de cores claras; os frutos são de gosto insípido e sem cheiro e em geral são de aparência bizarra; vivem na água ou bem perto dela; são frias, leitosas, narcóticas e anti-afrodisíacas; costumam ser usadas nas práticas de feitiçaria. Exemplos: agrião, ervapombinha, tília, chapéu-de-couro, bananeira, abóbora, violeta amarela, trevo, margarida, lírio branco.

Plantas Mercurianas: possuem folhas pequenas e de cores variadas; produzem flores e folhas, porém não frutos; são sinuosas ou ondulantes e de tamanho médio; as flores geralmente são amarelas, de odor penetrante, com sabores diversos, mas um tanto adstringentes. São plantas normalmente relacionadas com a mente ou trabalhos na esfera mental. Exemplos: valeriana, sete-sangrias, guaco, eucalipto, erva-lanceta, capim-cidrô, canela-sassafrás, salsaparrilha, manjerona, hera, funcho, alfazema, acácia.

Plantas Venusianas: são afrodisíacas, com perfume quase sempre suave; produzem sementes em abundância e se dá frutos, são doces e com aroma agradável; são plantas pequenas, muito floridas, com flores alegres e belas (cor de rosa) e possuem muitas flores, mas sem frutos. Exemplos: stévia, hortelã, gengibre, erva-da-vida, erva-de-bugre, catuaba, catinga-de-mulata, algodoeiro, tomilho, poejo, mil-em-rama, malva, cerejeira, bardana, sabugueiro, violeta, rosa.



Hortelã

Plantas Marcianas: muitas são espinhosas e provocam ardor ao tocá-las. Os frutos podem ser venenosos, são ácidos, amargos e de gosto picante. Em geral são arbustos pequenos, com flores pequenas e vermelhas e podem ser prejudiciais à visão. Exemplos: orégano, coentro, cajueiro, guaraná, cardo-santo, alho-poró, alho, erva-de-bicho, alcaçofra, uva-ursi, arruda, losna, urtiga.

Plantas Jupterianas: são plantas grandes, rústicas, com frutos abundantes e de aspecto

esplendoroso. Os frutos são doces e as flores são muito bonitas, mas sem perfume, em geral azuis, brancas e violetas. Algumas vezes, as árvores podem esconder as flores. Exemplos: boldo, baicuru, anis, abacateiro, sávia, sabugueiro, pitangueira, picão, pau-ferro, jurubeba, jambolão, dente-de-leão, carvalho, carqueja, cardamomo, camomila.

Plantas Saturninas: são plantas melancólicas, tristes, sinistras, sombrias, pesadas e de caule duro; grandes e de forma rara. Produzem frutos sem flores de sabor amargo, acidulado e/ou acre. Se houver flores estas são, geralmente, sombrias, cinzentas ou negras. A reprodução é sem sementes, são resistentes e narcóticas e crescem lentamente. Exemplos: aroeira, avenca, cavalinha, cipreste, cominho, cancorosa, espinheira santa, salsa, taiviá, ipê-roxo, erva-mate, bolsa-de-pastor, amor-perfeito.

Plantas Solares: são de altura média com flores geralmente amarelas com frutos bons de sabor agridoce. Movimentam-se na direção do Sol ou tem a figura deste em suas flores, folhas ou frutos. Algumas permanecem sempre verdes e são muito aromáticas. Tem grandes poderes mágicos e curativos. São usadas por suas virtudes de adivinhação, medicinais e contra “maus espíritos”. A maioria das plantas medicinais são solares. Exemplos: artemísia, noqueira, tanchagem, marcela, estigmade milho, erva-cidreira, canela, calêndula, babosa, arruda, alecrim, erva-de-são-joão, laranjeira, camomila, açafraão, louro, melissa, girassol.



Girassol

Homeopatia e Astrologia: A lei da correspondência em ação

O que teriam em comum personalidades tão distantes no tempo e no espaço como Hipócrates, considerado o pai da medicina ocidental, Paracelso, um médico e alquimista da Idade Média, e Samuel Hahnemann, o iniciador da medicina homeopática? Estes três homens reconheceram e utilizaram nas mais variadas formas, uma lei universal: “Assim como é em cima, é em baixo”. Essa lei universal tem sido redefinida nos mais variados campos da ciência. Ela é a base da astrologia moderna. Jung a introduziu no campo da psicologia com o nome de “*princípio da sincronicidade*”. O princípio básico da Homeopatia, a lei da similitude, diz: “*Semelhante cura semelhante*”. Tal princípio nada mais é do que uma utilização prática, a nível da saúde, da lei universal descrita por Paracelso. Isso explica a afirmação Hipocrática de que um médico que não conhecesse a astrologia não estava preparado para o exercício de sua profissão.

Na Idade Média, os médicos-astrólogos acompanhavam a saúde dos reis através de suas cartas astrológicas. Na Renascença, astrônomos conceituados como Copérnico e Kepler levaram a uma ampliação do crédito da astrologia. Nos dias atuais, pode parecer bizarro a união entre a medicina e a astrologia e nem poderia ser de outra forma, já que a medicina tem se tornado uma ciência da especialização e da divisão. No entanto, a medicina homeopática prioriza o homem como um todo, e nesse sentido continua sendo fiel aos princípios hipocráticos.

Em seu estudo sobre alquimia, Paracelso afirmou: “*A fim de alcançar o verdadeiro significado da alquimia e da astrologia, é necessário ter uma clara concepção da íntima relação e identidade do microcosmo com o macrocosmo, e de sua interação. Todas as forças do universo estão potencialmente presentes no homem e no seu corpo; todos os órgãos humanos nada mais são do*

que produtos e representantes dos poderes da Natureza”.

Algumas das formas da astrologia auxiliar o homeopata em sua busca da totalidade e de uma compreensão mais ampla do paciente são:

- a identificação de áreas de vulnerabilidade e de sofrimento, tanto em nível emocional quanto físico.

- com uma análise mais dirigida, o homeopata pode descobrir “*pontos frágeis*” que de outra forma poderiam passar despercebidos.

- fica mais fácil conhecer em profundidade um paciente que, por exemplo, se limite a seus sintomas físicos, não oferecendo ao médico dados de seu temperamento, já que o mapa astrológico revela características da personalidade do indivíduo.

- com bebês ou crianças pequenas o homeopata fica limitado ao relato dos pais. O mapa astrológico auxilia no reconhecimento prévio do potencial daquela personalidade, ajudando na eleição de medicações mais adequadas.

- através dos trânsitos, ou seja, dos ciclos astrológicos, o médico pode acompanhar o paciente em seus processos de vida, já sabendo com uma certa antecedência em que momentos a energia vital poderá ser alterada pelas inevitáveis mudanças da vida, espelhadas no mapa astrológico.

E estas são apenas algumas das utilizações da astrologia na homeopatia. Tanto uma como a outra utilizam a mesma linguagem, ou seja, a visão do todo baseando-se no mesmo princípio universal. É chegado o momento de se resgatar instrumentos que colaborem para o bem estar do homem enquanto indivíduo e enquanto coletividade. A astrologia e a homeopatia estarão, juntas, trilhando importantes caminhos para atender à ansia do ser humano em se religar com a harmonia do Universo.

O que é ser um Martinista?

O Martinista deve trabalhar assiduamente para atingir o equilíbrio em todos os aspectos de sua vida, principalmente, é claro, na vida espiritual.

Lembrando que equilíbrio pressupõe um grande trabalho de auto conhecimento, que é a base de todo trabalho iniciático. Sem procurar respostas profundas e honestas para as perguntas “quem sou eu”, “para que estou aqui”, “de onde vim” e “para onde vou”, o homem não pode dizer que se conhece a si mesmo. Dado esse primeiro passo, cabe ao Martinista buscar o equilíbrio que consta em ter seus instintos e emoções sob domínio de sua vontade, deixando de ser joguete para assumir total responsabilidade por seu comportamento. Esse passo é obrigatório e eleva o Martinista a uma oitava superior da Iniciação.

- Deve alcançar a absoluta coerência entre intenção, pensamentos, palavras e ação.

Alcançado o equilíbrio, um trabalho de manutenção do mesmo faz-se necessário. Para tanto, cabe ao Martinista buscar a coerência entre a intenção, os pensamentos, as palavras e os atos. Isto é, o verdadeiro Martinista não pode permitir qualquer contradição interior que promova confusão, desentendimento, falsidades, hipocrisia e mentiras. Para que o homem se torne puro é fundamental que ele seja ÍNTEGRO.

- Deve buscar a Verdade acima de todas as coisas.

Obviamente não a verdade do mundo, mas a Verdade divina. Para tanto, deve compreender que é necessário alinhar sua vontade à Vontade divina, porque de outra forma não poderá sair deste círculo vicioso de meias-verdades, de pseudo-verdades, de verdades de conveniência. A Verdade é o que é e não o que gostaríamos que fosse, portanto, o

Martinista deve revestir-se de muita humildade e trabalhar muito para tornar-se digno da Graça de conhecer a Verdade, pois somente quando suas vibrações forem puras, poderá almejar contato com algo tão elevado.

- Deve buscar incessantemente a união com o Invisível.

Os Mestres da Tradição, o santo Anjo Guardião e todos os espíritos que nos cercam estão prontos a auxiliar o Martinista que, com a intenção correta e o coração puro procura contato com os mundos Superiores. Esse é um trabalho que deve acontecer em SILENCIO e com muito respeito. O fato de algumas pessoas terem mais facilidade em ter esses contatos não significa que devam se vangloriar disso, muito pelo contrário, deve crescer em HUMILDADE.

- Deve ter total dedicação à Tradição e à obra.

Ser Martinista não é apenas portar um título. Ser Martinista é trabalhar sem descanso para que a Tradição e a Obra de nossos Mestres do passado sejam perpetuadas pelas gerações futuras. É ser como um porta-voz de toda Sabedoria que nos chegou, legado de muitos sacrifícios, de muito trabalho dos nossos antepassados. Enfim, ser Martinista é um estado de ser, é uma escolha de vida, uma responsabilidade assumida conscientemente, ainda sabendo que devemos permanecer desconhecidos e silenciosos no mundo profano. Seremos Martinistas para o mundo não ostentando títulos ou diplomas, mas pelas nossas atitudes e nosso exemplo.

- Deve possuir a seiva interior que possibilita a frutificação do trabalho iniciático.

Se o homem não tiver em seu interior o amor sincero a Deus, a Nosso Senhor Jesus Cristo, à Virgem, ao Espírito Santo, ou por

algum santo, pelo Anjo Guardião, enfim, se não tiver amor pela espiritualidade, se não for um homem ou mulher com grande religiosidade, independente de crença ou religião, não poderá considerar-se um Martinista. Pois o Martinista é essencialmente cristão e totalmente voltado para a dimensão religiosa do ser, no sentido mais profundo da palavra: religar-se com o Divino do qual está apartado. Mas esse amor deve ser traduzido em obras, deve ser cada vez mais sublime e elevado para que, através dele, o Martinista possa ver

cumprir em si as promessas do Cristo.

Concluindo:

O Martinista é o homem ou mulher que optou por um caminho no qual deve trabalhar sobre si mesmo, viver plena e conscientemente cada momento de sua vida, buscar o equilíbrio e a coerência em todos os seus atos, procurar Deus em todas as coisas e doar-se em holocausto a cada dia para que em si se cumpra a Vontade Divina.

A Didaqué - Instrução dos Doze Apóstolos

Didaqué significa “instrução” ou “doutrina”. Trata-se de um catecismo cristão escrito entre 60 e 90 d.C. (talvez até antes da destruição do Templo de Jerusalém), provavelmente na Palestina ou na Síria. Trata-se, certamente, do “documento mais importante da era pós-apostólica, a mais antiga fonte de legislação eclesiástica que possuímos” (Quasten). Ao que parece, é fruto da reunião de diversas fontes orais e escritas e que bem retratam a tradição das primeiras comunidades cristãs. Essa antiguidade explica porque algumas Igrejas chegaram a considerá-lo um escrito canônico.

A Didaqué é um manual de religião ou, melhor dizendo, uma espécie de catecismo dos primeiros cristãos. Esse documento permite conhecer as origens do cristianismo, e principalmente dá uma idéia de como era a iniciação cristã, as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades. O autor (ou autores) pertence ao meio judaico-cristão, e dirige seu ensinamento a comunidades formadas por convertidos vindos principalmente do paganismo.

O conteúdo e o estilo da Didaqué lembram imediatamente muitos textos do Antigo e do Novo Testamento, bem como outros escritos criados do séc. I d.C. O tom e os temas de muitas exortações se parecem bastante com os da literatura sapiencial e diversos tre-

chos dos evangelhos. Dessa forma, esse catecismo das comunidades da Igreja Primitiva é testemunho vivo de como os primeiros cristãos se alimentavam da Palavra de Deus contida nas Escrituras, transformando e interpretando os textos bíblicos em vista de suas necessidades e situações.

A leitura da Didaqué faz logo sentir que as comunidades cristãs daquele tempo ainda não estavam completamente estruturadas. As comunidades não têm representante oficial fixo (padre ou vigário), os bispos e diáconos são mencionados de passagem, e não se sabe bem quais funções exerciam. Fala-se diversas vezes em “apóstolos, profetas e mestres”, dando a impressão de que eram propriamente pregadores itinerantes a serviço de diversas comunidades. Por outro lado, nota-se que a liturgia é também muito simples e se resume a celebrações feitas em clima doméstico. Os sacramentos mencionados pertencem à iniciação cristã - batismo, confissão e eucaristia - e parecem ser todos administrados pela comunidade e não por um membro do clero, ainda inexistente.

Visível, contudo, do clima que a comunidade vive, dentro de uma sociedade estruturalmente pagã. A preocupação de não se confundir com o ambiente, de não se deixar manipular por aproveitadores oportunistas (até mesmo disfarçados de profetas), a esperança

um pouco nervosa de uma escatologia próxima e o tema da perseverança heróica no caminho da fé são características das comunidades nascentes, que ainda estão descobrindo sua vocação e missão no mundo.

A Didaqué faz lembrar que a fonte inspiradora do comportamento, da oração e das celebrações é a Bíblia. Sobretudo, mostra que o cristianismo não é devoção individualista, mas um caminho comunitário em que todos os setores da vida e do comportamento devem ser penetrados pela Palavra de Deus e pela oração.

Na sua simplicidade e profundidade, estimula a viver a vida cotidiana à luz do Evangelho vivo, dentro de um discernimento que frutifica em atos novos, geradores de fraternidade e comunhão. Escrita principalmente para os pagãos (nações), ela ainda salienta que o cristianismo não é uma redoma onde a comunidade se refugia, mas um fermento que se expande para transformar toda a sociedade.

O documento está dividido em 4 partes, totalizando 16 capítulos.

Capítulo I - O Caminho da Vida e o Caminho da Morte

1.- Existem dois caminhos: o caminho da vida e o caminho da morte. Há uma grande diferença entre os dois.

2.- Este é o caminho da vida: primeiro, ame a Deus que o criou; segundo, ame a seu próximo como a si mesmo. Não faça ao outro aquilo que você não quer que façam a você.

3.- Este é o ensinamento derivado dessas palavras: bendiga aqueles que o amaldiçoam, reze por seus inimigos e jejue por aqueles que o perseguem. Ora, se você ama aqueles que o amam, que graça você merece? Os pagãos também não fazem o mesmo? Quanto a você, ame aqueles que o odeiam e assim vo-

cê não terá nenhum inimigo.

4.- Não se deixe levar pelo instinto. Se alguém lhe bofeteia na face direita, ofereça-lhe também a outra face e assim você será perfeito. Se alguém o obriga a acompanhá-lo por um quilometro, acompanhe-o por dois. Se alguém lhe tira o manto, ofereça-lhe também a túnica. Se alguém toma alguma coisa que lhe pertence, não a peça de volta porque não é direito.

5.- Dê a quem lhe pede e não peças de volta, pois o Pai quer que os seus bens sejam dados a todos. Bem-aventurado aquele que dá conforme o mandamento pois será considerado inocente. Ai daquele que recebe: se pede por estar necessitado, será considerado inocente; mas se recebeu sem necessidade, prestará contas do motivo e da finalidade. Será posto na prisão e será interrogado sobre o que fez... e daí não sairá até que devolva o último centavo.

6.- Sobre isso também foi dito: que a sua esmola fique suando nas suas mãos até que você saiba para quem a está dando.

Capítulo II - A Celebração Litúrgica

1.- O segundo mandamento da instrução é:

2.- Não mate, não cometa adultério, não corrompa os jovens, não forniche, não roube, não pratique a magia nem a feitiçaria. Não mate a criança no seio de sua mãe e nem depois que ela tenha nascido.

3.- Não cobice os bens alheios, não cometa falso juramento, nem preste falso testemunho, não seja maldoso, nem vingativo.

4.- Não tenha duplo pensamento ou linguajar pois o duplo sentido é armadilha fatal.

5.- A sua palavra não deve ser em vão, mas comprovada na prática.

6.- Não seja avarento, nem ladrão, nem fingido, nem malicioso, nem soberbo. Não planeje o mal contra o seu próximo.

7.- Não odeie a ninguém, mas corrija alguns, reze por outros e ame ainda aos outros, mais até do que a si mesmo.

Capítulo III - As raízes do mal e do bem

1.- Filho procure evitar tudo aquilo que é mau e tudo que se parece com o mal.

2.- Não seja colérico porque a ira conduz à morte. Não seja ciumento também, nem briguento ou violento, pois o homicídio nasce de todas essas coisas.

3.- Filho, não cobice as mulheres, pois a cobiça leva à fornicção. Evite falar palavras obscenas e olhar maliciosamente já que os adúlteros surgem dessas coisas.

4.- Filho, não se aproxime da adivinhação porque ela leva à idolatria. Não pratique encantamentos, astrologia ou purificações, nem queira ver ou ouvir sobre isso, pois disso tudo nasce a idolatria.

5.- Filho, não seja mentiroso pois a mentira leva ao roubo. Não persiga o dinheiro nem cobice a fama porque os roubos nascem dessas coisas.

6.- Filho, não fale demais pois falar muito leva à blasfêmia. Não seja insolente, nem tenha mente perversa porque as blasfêmias nascem dessas coisas.

7.- Seja manso, pois os mansos herdarão a terra.

8.- Seja paciente, misericordioso, sem maldade, tranqüilo e bondoso. Respeite sempre as palavras que você escutou.

9.- Não louve a si mesmo, nem se entregue à insolência. Não se junte com os poderosos, mas aproxime dos justos e pobres.

10.- Aceite tudo o que acontece contigo como coisa boa e saiba que nada acontece sem a permissão de Deus.

Capítulo IV - A Vida Comunitária

1.- Filho lembre-se dia e noite daquele que prega a Palavra de Deus para você. Honre-o como se fosse o próprio Senhor, pois Ele está presente onde a soberania do Senhor é anunciada.

2.- Procure estar todos os dias na companhia dos fiéis para encontrar forças em suas palavras.

3.- Não provoque divisão. Ao contrário, reconcilia aqueles que brigam entre si. Julgue de forma justa e corrija as culpas sem distinguir as pessoas.

4.- Não hesite sobre o que vai acontecer.

5.- Não te pareças com aqueles que dão a mão quando precisam e a retiram quando devem dar.

6.- Se o trabalho de suas mãos te rendem algo, as ofereça como reparação pelos seus pecados.

7.- Não hesite em dar, nem dê reclamando porque, na verdade, você sabe quem realmente pagou sua recompensa.

8.- Não rejeite o necessitado. Compartilhe tudo com seu irmão e não diga que as coisas são apenas suas. Se vocês estão unidos nas coisas imortais, tanto mais estarão nas coisas perecíveis.

9.- Não se descuide de seu filho ou filha. Muito pelo contrário, desde a infância instrua-os a temer a Deus.

10.- Não dê ordens com rudeza ao seu escravo ou escrava pois eles também esperam no mesmo Deus que você; assim, não perderão o temor de Deus, que está acima de todos. Certamente Ele não virá chamar a pessoa pela aparência, mas somente aqueles que foram preparados pelo Espírito.

11.- Quanto a vocês, escravos, obedeçam aos seus senhores, com todo o respeito e reverência, como à própria imagem de Deus.

12.- Deteste toda a hipocrisia e tudo aquilo que não agrada o Senhor.

13.- Não viole os mandamentos dos Senhor. Guarde tudo aquilo que você recebeu: não acrescente ou retire nada.

14.- Confesse seus pecados na reunião dos fiéis e não comece a orar estando com má consciência. Este é o caminho da vida.

Capítulo V - O caminho da morte

1.- Este é o caminho da morte: primeiro, é mau e cheio de maldições - homicídios, adultérios, paixões, fornicações, roubos, idolatria, magias, feitiçarias, rapinas, falsos testemunhos, hipocrisias, coração com duplo sentido, fraudes, orgulho, maldades, arrogância, avareza, palavras obscenas, ciúmes, insolência, altivez, ostentação e falta de temor de Deus.

2.- Nesse caminho trilham os perseguidores dos justos, os inimigos da verdade, os amantes da mentira, os ignorantes da justiça, os que não desejam o bem nem o justo julgamento, os que não praticam o bem mas o mal. A calma e a paciência estão longe deles. Estes amam as coisas vãs, são ávidos por recompensas, não se compadecem com os pobres, não se importam com os perseguidos, não reconhecem o Criador. São também assassinos de crianças, corruptores da imagem de Deus, desprezam os necessitados, oprimem os aflitos, defendem os ricos, julgam

injustamente os pobres e, finalmente, são pecadores consumados. Filho afaste-se disso tudo.

Capítulo VI

1.- Fique atento para que ninguém o afaste do caminho da instrução, pois quem faz isso ensina coisas que não pertencem a Deus.

2.- Você será perfeito se conseguir carregar todo o jugo do Senhor. Se isso não for possível, faça o que puder.

3.- A respeito da comida, observe o que puder. Não coma nada do que é sacrificado aos ídolos, pois esse culto é destinado a deuses mortos.

Capítulo VII - A Celebração

Litúrgica

1.- Quanto ao batismo, faça assim: depois de ditas todas essas coisas, batize em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

2.- Se você não tiver água corrente, batize em outra água. Se não puder batizar com água fria, faça com água quente.

3.- Na falta de uma ou outra, derrame água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

4.- Antes de batizar, tanto aquele que batiza como o batizando, bem como aqueles que puderem, devem observar o jejum. Você deve ordenar ao batizando um jejum de um ou dois dias.

Capítulo VIII

1.- Os seus jejuns não devem coincidir com os dos hipócritas. Eles jejuam no segundo e

no quinto dia da semana. Porém, você deve jejuar no quarto dia e no dia da preparação.

2.- Não reze como os hipócritas, mas como o Senhor ordenou em seu Evangelho. Reze assim: "Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão-nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai nossa dívida, assim como também perdoamos os nossos devedores e não nos deixes cair em tentação, mas livrai-nos do mal porque teu é o poder e a glória para sempre".

3.- Rezem assim três vezes ao dia.

Capítulo IX

1.- Celebre a Eucaristia assim:

2.- Diga primeiro sobre o cálice: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre".

3.- Depois diga sobre o pão partido: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre".

4.- Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre".

5.- Que ninguém coma nem beba da Eucaristia sem antes ter sido batizado em nome do Senhor pois sobre isso o Senhor disse: "Não

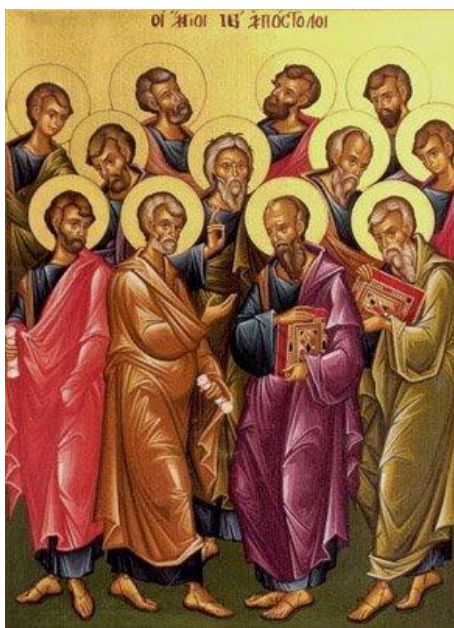
dêem as coisas santas aos cães".

Capítulo X

1.- Após ser saciado, agradeça assim:

2.- "Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo nome que fizeste habitar em nossos corações e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.

3.- Tu, Senhor onipotente, criaste todas as coisas por causa do teu nome e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espiritual e uma vida eterna através do teu servo.



4.- Antes de tudo, te agradecemos porque és poderoso. A ti, glória para sempre.

5.- Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu Reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre.

6.- Que a tua graça venha e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Venha quem é fiel, converta-se quem é infiel. Maranatha. Amém."

7.- Deixe os profetas agradecerem à vontade.

Capítulo XI - A Vida em Comunidade

1.- Se vier alguém até você e ensinar tudo o

que foi dito anteriormente, deve ser acolhido.

2.- Mas se aquele que ensina é perverso e ensinar outra doutrina para te destruir, não lhe dê atenção. No entanto, se ele ensina para estabelecer a justiça e conhecimento do Senhor, você deve acolhê-lo como se fosse o Senhor.

3.- Já quanto aos apóstolos e profetas, faça conforme o princípio do Evangelho.

4.- Todo apóstolo que vem até você deve ser recebido como o próprio Senhor.

5.- Ele não deve ficar mais que um dia ou, se necessário, mais outro. Se ficar três dias é um falso profeta.

6.- Ao partir, o apóstolo não deve levar nada a não ser o pão necessário para chegar ao lugar onde deve parar. Se pedir dinheiro é um falso profeta.

7.- Não ponha à prova nem julgue um profeta que fala tudo sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado.

8.- Nem todo aquele que fala inspirado é profeta, a não ser que viva como o Senhor. É desse modo que você reconhece o falso e o verdadeiro profeta.

9.- Todo profeta que, sob inspiração, manda preparar a mesa não deve comer dela. Caso contrário é um falso profeta.

10.- Todo profeta que ensina a verdade mas não pratica o que ensina é um falso profeta.

11.- Todo profeta comprovado e verdadeiro, que age pelo mistério terreno da Igreja, mas que não ensina a fazer como ele faz não deverá ser julgado por você; ele será julgado por Deus. Assim fizeram também os antigos profetas.

12.- Se alguém disser sob inspiração: "Dê-me dinheiro" ou qualquer outra coisa, não o escutem. Porém, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue.

Capítulo XII

1.- Acolha todo aquele que vier em nome do Senhor. Depois, examine para conhecê-lo, pois você tem discernimento para distinguir a esquerda da direita.

2.- Se o hóspede estiver de passagem, dê-lhe ajuda no que puder. Entretanto, ele não deve permanecer com você mais que dois ou três dias, se necessário.

3.- Se quiser se estabelecer e tiver uma profissão, então que trabalhe para se sustentar.

4.- Porém, se ele não tiver profissão, proceda de acordo com a prudência, para que um cristão não viva ociosamente em seu meio.

5.- Se ele não aceitar isso, trata-se de um comerciante de Cristo. Tenha cuidado com essa gente!

Capítulo XIII

1.- Todo verdadeiro profeta que queira estabelecer-se em seu meio é digno do alimento.

2.- Assim também o verdadeiro mestre é digno do seu alimento, como qualquer operário.

3.- Assim tome os primeiros frutos de todos os produtos da vinha e da eira, dos bois e das ovelhas, e os dê aos profetas, pois são eles os seus sumos-sacerdotes.

4.- Porém, se você não tiver profetas, dê aos pobres.

5.- Se você fizer pão, tome os primeiros e os dê conforme o preceito.

6.- Da mesma maneira, ao abrir um recipiente de vinho ou óleo, tome a primeira parte e a dê aos profetas.

7.- Tome uma parte de seu dinheiro, da sua roupa e de todas as suas posses, conforme lhe parecer oportuno, e os dê de acordo com o preceito.

Capítulo XIV

1.- Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro.

2.- Aquele que está brigado com seu companheiro não pode juntar-se antes de se reconciliar, para que o sacrifício oferecido não seja profanado.

3.- Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: "Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro porque sou um grande rei - diz o Senhor - e o meu nome é admirável entre as nações".

Capítulo XV

1.- Escolha bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprezidos do dinheiro, verazes e provados, pois também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres.

2.- Não os despreze porque eles têm a mesma dignidade que os profetas e os mestres.

3.- Corrija uns aos outros, não com ódio, mas com paz, como você tem no Evangelho. E ninguém fale com uma pessoa que tenha ofendido o próximo; que essa pessoa não escute uma só palavra sua até que tenha se arrependido.

4.- Faça suas orações, esmolas e ações da forma que você tem no Evangelho de nosso Senhor.

Capítulo XVI - O Fim dos Tempos

1.- Vigie sobre a vida uns dos outros. Não deixe que sua lâmpada se apague, nem afrouxe o cinto dos rins. Fique preparado porque você não sabe a que horas nosso Senhor chegará.

2.- Reúna-se com frequência para que, juntos, procurem o que convém a vocês; porque de nada lhe servirá todo o tempo que viveu a fé se no último instante não estiver perfeito.

3.- De fato, nos últimos dias se multiplicarão os falsos profetas e os corruptores, as ovelhas se transformarão em lobos e o amor se converterá em ódio.

4.- Aumentando a injustiça, os homens se odiarão, se perseguirão e se trairão mutuamente. Então o sedutor do mundo aparecerá, como se fosse o Filho de Deus, e fará sinais e prodígios. A terra será entregue em suas mãos e cometerá crimes como jamais foram cometidos desde o começo do mundo.

5.- Então toda criatura humana passará pela prova de fogo e muitos, escandalizados, perecerão. No entanto, aqueles que permanecerem firmes na fé serão salvos por aquele que os outros amaldiçoam.

6.- Então aparecerão os sinais da verdade: primeiro, o sinal da abertura no céu; depois, o sinal do toque da trombeta; e, em terceiro, a ressurreição dos mortos.

7.- Sim, a ressurreição, mas não de todos, conforme foi dito: "O Senhor virá e todos os santos estarão com ele".

8.- Então o mundo assistirá o Senhor chegando sobre as nuvens do céu.

A Luz Astral

A luz, segundo os cabalistas, é uma substância única, mediadora do movimento, eterna geradora de todas as coisas, receptáculo comum de vida e de morte.

Corresponde ao Verbo (Luz Divina), ao Pensamento (Luz Intelectual) e ao Mundo Fenomênico (Luz Astral) e no Mundo Material a Matriz das formas, o esperma. A luz portanto constitui o fluído universal cujas quatro manifestações sensíveis se denominam: Calor, Claridade, Eletricidade e Magnetismo.

Uma das partes centrais da Magia é a de tornar esta luz perceptível aos sentidos e sobretudo à ação de influência através da vontade, o fluxo e direção dela.

Devemos no entanto, distinguir entre Luz Astral e Luz Divina. A Luz Astral é a força não equilibrada, na energia que circula em torno dos planetas, sendo influenciada por eles e pela posição relativa dos demais planetas particularmente pelo Sol e pela Lua.

A Luz Astral está igualmente em nós. Devemos combatê-la para não ser joguete de sua força fatal e para poder agir em todos os planos em busca da realização da Grande Obra.

Não recebendo a influência dos astros e mantendo-se no equilíbrio pela ação da vontade e desejo de anular aspectos dissociativos da nossa personalidade iremos gerar a terceira polaridade, que é a Luz Astral Equilibrada.

Esta luz é andrógina, seu duplo Movimento efetua-se incessantemente, sendo determinado por sua dupla polaridade. Aod é a corrente positiva ou de projeção enquanto Aob é a corrente negativa ou de absorção ou como costuma ser conhecida, força centrífuga para Aod e força centrípeta para Aob.

As forças cegas da Luz Astral são contrárias, uma tendendo ao centro e outra tendendo à

periferia. A que tende ao centro é negativa, destruidora, causadora da morte e agente do princípio temporal. É figurada pelo corvo e a Kabbalah a denomina de Hereb.

A força que tende à periferia é positiva, expansiva, princípio do espaço, dispensadora da vida, figurada por uma pomba e denominada pela Kabbalah de Ionah.

A luz positiva, **Aod** é governada por Ionah, a força expansiva Abel.

A luz negativa, **Aob** é governada por Hereb, a força centrípeta Caim.

A luz equilibrada, **Aor** produz a vida e é necessário amparar-se dessa luz para realizar a Grande Obra.

Porém amparar-se dessa Luz Equilibrada é muito difícil e exige que a própria pessoa esteja no mais perfeito equilíbrio e controle de si mesmo. Pois em Malkhuth, Nahasch domina sobre a Luz Astral equilibrada.

É necessário dominar Nahasch, esse desejo de individualidade e de egoísmo, para romper com o bloqueio universal e atingir as influências divinas.

O homem (utilizando a formação ternária) é constituído basicamente por três elementos primordiais:

- 1-) CORPO ou elemento material
- 2-) ALMA ou elemento espiritual
- 3-) MEDIADOR PLÁSTICO ou elemento fluídico

Colocando isto na linguagem dos sete corpos teremos:

1.- Corpo Físico

2.- Corpo Astral:

2.1 - Duplo Etérico (Fluído Nervoso)

2.2 - Corpo Mental (Fluído Magnético)

3.- Alma:

3.1 - Alma Passional

3.2 - Alma Propriamente Dita

3.3 - Alma Espiritual

4.- Centelha Divina

A Alma seria inábil para fazer-se obedecer pelo corpo material sem a interferência de um Mediador Plástico, mediador que aciona diretamente o sistema cérebro espinhal, encarregado por sua vez, da transmissão das ordens do Querer aos órgãos físicos.

Este Mediador Plástico ou Corpo Astral é dividido em duas partes: luz bipartida fixa chamada de Fluído Nervoso ou Duplo Etérico e luz bipartida volátil chamada de Fluído Magnético ou Corpo Mental.

O fluído nervoso comanda a energia vital enquanto que o fluído magnético tem sua base na luz ambiente, aspirada alternadamente, de um modo análogo ao da respiração pulmonar e coloca o corpo mental em contato direto com o mundo exterior.

Uma vez que este Mediador Plástico é exercitado segundo uma vontade poderosa, pode coagular ou dissolver, projetar ou atrair uma porção do fluído universal, ele possibilita ao Adepto influenciar toda a massa de Luz Astral, nela criando correntes e produzindo ainda que à distância efeitos surpreendentes.

No homem equilibrado o sono magnético, comandado pelo corpo mental que tem sua base no ar que respira funciona com maior vigor e eficácia. Neste estado, traz para junto de si, repleto de imagens, o fluído configurativo que ele acaba de projetar. Neste fluído configurativo ele pode perceber igualmente os vestígios do passado, as miragens do presente e os embriões do futuro.

Mas o que está em cima é como o que está em baixo, assim temos que as configurações planetárias ao exemplo da natureza geram em nosso interior correntes permanentes de

Astralidade através de nosso tema astrológico.

Dependendo dos planetas que estejam atuando teremos em nossa astralidade uma predominância do fluído nervoso ou do fluído magnético, ou da energia vital ou da energia mental, ou então do Duplo Etérico ou do Corpo Mental.

O trabalho de todo Adepto consiste em equilibrar as deficiências e as más aspectações (quadraturas, oposições, etc.) de seu tema astrológico, fazendo com que estas forças antagônicas, que nada mais são que as duas polaridades da Luz Astral atuando no interior do homem, se equilibrarem para daqui nascer a terceira força, que é a Luz Equilibrada.

No caso de termos só forças positivas atuando, nos perguntamos se devemos de gerar forças negativas para atingir o equilíbrio, não se trata disso, mas sim o de gerar obras no plano da forma com essa força positiva, desta forma estará realizado o equilíbrio na natureza.

Tomemos como exemplo prático uma oposição do sol com a lua, teremos então um conflito permanente entre a razão e a emoção, entre o sentir e o saber. Como equilibrar primeiramente este antagonismo?

Existem várias formas e cada um deve procurar a sua solução particular; porém, genericamente podemos dizer que se deve evitar atuar sobre o primeiro impulso da lua, dar um tempo para refletir e pensar, e evitar também tomar decisões sob a frialdade da razão e tentar sentir as nossas atitudes como efeito sobre as outras pessoas.

Neste ponto podemos citar literalmente o texto da Tábua de Esmeralda de Hermes:

"O Sol (condensador da irradiação positiva ou da luz vermelha, Aod) é seu pai (elemento produtor ativo deste agente, A Lua (espelho

de reverberação negativa ou de Luz Azul, Aob) é sua Mãe, o vento (atmosfera etérica) a conduz e serve de veículo) a Terra (encarada como condensação material é seu atamor."

"E diz Hermes Trismegistro: Tu separaras a Terra do Fogo, o sutil do espesso com delicadeza e com uma extrema prudência. Ele (o fluído universal) eleva-se da Terra ao Céu e novamente desce do Céu a Terra, e ele recebe a força das coisas do alto e do baixo.

Assim, tu serás a glória do universo inteiro; assim, toda obscuridade fugirá de ti".

Ali reside a força de toda força que vencerá toda coisa sólida".

É a razão pela qual eu fui chamado Hermes Trismegistro, possuindo as três partes da filosofia do Universo inteiro".

O trabalho interior consiste portanto, no entendimento da nossa astralidade e dos princípios que a regem tendo como objetivo final a realização da Grande Obra ou seja retirar o puro do impuro e o ouro das nossas escórias.

Todos os iniciados querem conquistar e ter domínio sobre a Luz ou seus diferentes aspectos. A luz condensada nada mais é do que o ouro dos alquimistas e é neste ouro que reside a riqueza o homem.

O Telesma, tão apregoado por Hermes é a perfeição das coisas corporais que nada mais é do que o domínio primeiro da Luz Astral que já por sua vez é o meio termo de todos os outros.

O homem deve aprender a trabalhar em seu interior as duas propriedades principais da Luz Astral: uma que tende a volatizar o fixo e a outra que tende a fixar o volátil.

Fabre d'Olivet afirma que o Hereb, agente centrípeto, se manifesta no curso do tempo e Ionah, agente centrífugo, projeta-se através do espaço.

O tempo e o espaço, saídas da mesma fonte, são inimigos desde seu nascimento. Elas agem incessantemente uma sobe a outra e procuram dominar-se reciprocamente e a reduzir-se a sua própria natureza.



A ação compressiva, mais enérgica do que a ação expansiva, a domina sempre na origem, e comprimindo-a, compacta a substância universal sobre a qual ela age, e dá existência às formas materiais que não existiam anteriormente.

Vemos então, que o homem está sob a ação e domínio da força compressiva que é centrípeta e que exerce sempre seu domínio de fora para dentro fazendo com que as coisas materiais e exteriores tenham um valor exagerado e primordial, mas esta força exterior compacta e oprime a substância etérica. Com a ação do tempo, esta força exterior produzirá efeitos inversos no corpo astral e passará a atuar uma das propriedades do Tempo que é a de dissolver de uma maneira lenta e imperceptível esta força compressiva transformando-a em ação expansiva, transmutando no interior do homem as formas materiais ou seja transforma o espesso em sutil e o fixo em volátil.

Quaresma, Semana Santa e Páscoa

Dentro das festividades do mundo Cristão existe uma época que é de vital importância para o Iniciado, esta época vai desde o Carnaval até a Páscoa.

Damos a seguir a definição destas festas, para que cada um possa adotar em seu interior uma postura condizente com o momento que está vivendo de tal forma que a sua alma possa viver esta época de reconhecimento, de coagular energias, tendo somente uma vida interior em comunicação com o Cristo, para logo ressurgir com a Gloriosa Ressurreição de Nosso Senhor.

Todo iniciado deve aprender a conhecer e respeitar os ciclos da natureza, tanto da sua natureza interior como das outras naturezas.

Carnaval

Carnaval : do italiano, carnevale. Também chamado de folguedo, tríduo de momo ou Folia.

Chamado de entrudo pelos portugueses, consistia em lançar sobre os participantes de blocos carnavalescos água, farinha, tinta, etc. Adquiriu entre nós brasileiros, a idéia de momento de devassidão e da liberação reprimida durante o ano. Muitos pensam que é o tempo que precede a cólera de Deus e por isso se apressam em fazer tudo que gostariam antes de aplacar sua ira divina com as cinzas do dia seguinte. Alguns procuram ligar esta festa popular às antigas festas greco-romanas, também conhecidas como festas dionisiacas.

"Carnaval significa "festa da carne" e era, em seus primórdios, uma festa religiosa. Às vésperas da Quaresma, diante da perspectiva de passar quarenta dias em abstinência de carne, os cristãos fartavam-se de assados e frituras entre o domingo e a "terça-feira gorda". Na quarta, revestiam-se de cinzas, evocando que

do pó viemos e para o pó retornaremos, e ingressavam no período em que a Igreja celebra a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. A Quarta-feira de Cinzas instiga-nos a refletir sobre esta experiência inelutável: a morte."

Quarta-feira de Cinzas

A preparação é chamada de Estação Penitencial da Quaresma e começa (normalmente) na metade de Fevereiro com a quarta feira de cinzas. A palavra quaresma tem origem no Inglês Antigo "lengthen" no sentido de "período inicial", mas se refere mesmo, desde a antigüidade, ao período de 40 dias que precede a Páscoa verdadeiro período de início. No princípio, os povos que freqüentemente tinham falta de comida no fim do inverno, antes do degelo da primavera permitir o surgimento de alimentos frescos, a prática do jejum com certeza tinha uma base na necessidade. O tom sombrio do ciclo da quaresma chama nossa atenção para a necessidade da purificação interior, prática da qual quase todos podem se beneficiar. Esta limpeza com a benção das cinzas, marcadas no sinal da cruz feito na frente dos membros da igreja. As cinzas são um símbolo externo da natureza temporal do mundo criado. O sacerdote entoava as palavras: "Lembre-se, oh Alma, que o corpo é pó e ao pó deve voltar". É como se o Cristo viesse à nossa frente e nos dissesse que parte de nós é duradoura e qual é mortal. A estação da quaresma é uma época de preparação pela purificação para que o Ser Superior habite nosso ser, certamente a Divindade deve habitar num lugar limpo, no purificado coração humano. Na Natureza humana há sempre um lugar negro de culpa, vergonha ou algum outro sentimento inferior que impede a pessoa de sentir a alegria e o amor disponível. A Quaresma pode ser relacionada com um dispositivo terapêutico para libertar o indivíduo, sistematicamente, da baixa estima. Se isto for empreen-

dido com seriedade o indivíduo chegará à Semana Santa com uma visão profundamente diferente de sua própria relação com o Cristo.

Na tradição Romana havia uma grande ênfase no pecado e no conceito de humilhação. Hoje em dia isto é um objetivo pessoal; as particularidades dos erros passados de cada um não são tão importantes quanto é a purificação do coração que o torna pronto para uma compreensão mais elevada. Se concentrar no pecado realmente não ajuda ninguém, além de uma atitude ou comportamento mais gentil. Mas numa oração silenciosa e introspectiva, o homem pode receber os instrumentos para emergir do ser inferior, a fim de participar na redenção do mundo através do Cristo, nosso Senhor e Salvador.

Cinzas

Cinzas: são símbolo de penitência, de luto e da finitude da matéria passada pela prova de fogo.

Representam simultaneamente o pecado e a fragilidade humana (livro da Sabedoria 15,10; profeta Ezequiel 28,18; profeta Malaquias 3,21). Se cobrir de cinzas é sinal público de arrependimento e forma concreta de colocar-se à prova. É manifestação pública da consciência do pecado e sua abjuração (Judite 4, 11-15; Ezequiel 27, 30), na esperança do perdão misericordioso de Deus.

Nos primeiros séculos do cristianismo os membros da Igreja que tivessem cometido pecados gravíssimos, motivo de grande escândalo, estavam sujeitos à uma penitência pública, que podia durar semanas ou mesmo anos, segundo a gravidade da culpa. Vinham estes descalços até a Catedral, no primeiro dia da quaresma. O bispo da cidade depois de exortá-los ao arrependimento dos pecados, os cobria com um cilício, pequena túnica com cinto ou cordão, de material áspero ou grosseiro, trazido diretamente sobre a pele e

atirava-lhes uma porção de cinzas na cabeça dizendo ao mesmo tempo: "Lembra-te, ó humano, que és pó e que a pó serás reduzido". Eram jogados então fora da Igreja e não podiam mais entrar nesta enquanto não fosse cumprida a sua penitência.

No século XI, quiseram padres e leigos seguir esta prática de humilhação e penitência, reservada outrora aos pecadores públicos e notórios, e assim no Ocidente a partir do século XII o costume expandiu-se em todas as Igrejas quando os fiéis na Quarta-feira antes da Quadragesima iam receber cinzas em suas fronteiras. Hoje a fórmula permanece a mesma: "Lembra-te que és pó, e ao pó há de voltar.(Gênesis 3,19)", ou diz-se o texto do Evangelho de Jesus segundo Marcos 1,15: "Convertei-vos e crede no Evangelho".

"Na Quarta-feira anterior ao primeiro Domingo da Quaresma, os cristãos, recebendo as cinzas, entram no tempo estabelecido para que suas vidas se purifiquem. Este sinal de penitência, que vêm da tradição bíblica e que o costume da Igreja conservou até hoje, manifesta a condição da humanidade pecadora, que confessa exteriormente sua falta diante do Senhor e exprime assim a vontade de uma conversão interior, conduzida pela esperança que o Senhor será para nós pleno de ternura. Este sinal marca o começo do caminho de conversão, que atingirá sua meta pela celebração do sacramento da Penitência nos dias que precedem a Páscoa".

O surgimento da Quaresma

Cerca de duzentos anos após o nascimento de Cristo, os cristãos resolveram preparar a festa da Páscoa com três dias de oração, meditação e jejum. Entretanto, não bastava apenas preparar a festa. Era preciso prolongá-la para que todos pudessem participar e tirar dela o máximo proveito possível. Criou-se, então, um período especial de 50 dias (sete semanas), no qual os cristãos comemorariam a Ressurreição de Cristo. Este período, co-

nhecido atualmente como Tempo Pascal, começa no domingo de Páscoa e termina em Pentecostes, o dia em que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, que estavam reunidos com Maria no Cenáculo. Durante os 50 dias de comemoração da Ressurreição de Jesus, rezava-se em pé, o jejum era proibido e eram administrados os batismos.

Por volta do ano 350 d. C., a Igreja decidiu aumentar o tempo de preparação para a Páscoa de três para quarenta dias. Isto aconteceu porque os cristãos perceberam que três dias eram insuficientes para que se pudesse preparar adequadamente a festa da Páscoa. Surgia, assim, a Quaresma.

O número quarenta é bastante significativo dentro das Sagradas Escrituras. O dilúvio teve a duração de quarenta dias e quarenta noites e foi a preparação para uma nova humanidade. Durante quarenta anos o povo hebreu caminhou pelo deserto rumo à terra prometida. Antes de receber o perdão de Deus, os habitantes da cidade de Nínive fizeram penitência por quarenta dias. O profeta Elias caminhou quarenta dias e quarenta noites para chegar à montanha de Deus. Preparando-se para cumprir sua missão entre os homens, Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites. Moisés fez o mesmo.

Os povos antigos atribuíam ao número quarenta diversos significados. Um deles tem importância especial para os cristãos: dimensionar períodos de preparação para acontecimentos marcantes na História da Salvação.

O que o cristão deve fazer durante a Quaresma?

Não somente durante a Quaresma, mas em todos os dias de sua vida, o cristão deve buscar o Reino de Deus. É exatamente isso o que pede Jesus nos Evangelhos. Buscar o Reino de Deus significa lutar para que exista justiça, paz e amor em toda a humanidade; signi-

fica não fechar os olhos às crianças que morrem diariamente de fome, aos dez milhões de desempregados que há no mundo, às vítimas da falta de atendimento médico, da falta de moradia, da violência que mata, da educação precária e da corrupção presentes no cenário sócio-político-econômico de um país; significa preservar todas as formas de vida existentes no universo; significa, enfim, abandonar o egoísmo, o orgulho, os preconceitos, a ganância, a inveja e todos os sentimentos negativos para uma adesão incondicional à construção de uma sociedade justa e fraterna, reflexo autêntico do Reino anunciado por Cristo com sua vida, morte e Ressurreição. E para que esta adesão seja verdadeira, é preciso que o cristão mantenha-se em permanente sintonia com a vontade divina, o que somente é possível através da reflexão, da oração, da meditação, da conversão livre e sincera à Palavra de Deus e da prática da caridade, princípios fundamentais do cristianismo. Sem a observância destes princípios, jamais se conseguira estreitar as relações com Deus, melhorar o relacionamento com nossos irmãos e com a natureza e vivenciar uma religiosidade autêntica, caminho seguro para a construção e preservação da dignidade humana.

Quaresma: Dos quarenta dias que precedem a festa maior dos cristãos, a Páscoa

Até o século VII, a quaresma começava no Domingo da Quadragésima (quadragésima dies, o quadragésimo dia - que na realidade era o quadragésimo segundo dia - antes da Páscoa). Tendo em conta os domingos, durante os quais o jejum era interrompido, o número de dias até a Páscoa efetivamente era inferior a quarenta, e para continuar fiel ao simbolismo do número 40 (quarenta anos no deserto, 40 dias de jejum de Cristo) antecipou-se o começo da quaresma para a

Quarta-feira precedente ao Domingo da Quadragesima: dia das Cinzas.

Na Igreja primitiva era a última etapa da preparação do batismo para os catecúmenos, que seria administrado na noite de Páscoa. Nestes quarenta dias a Igreja incentiva a prática do jejum, da solidariedade com os pobres (chamada antigamente de esmola) e da oração. É como que um tempo especial de Retiro espiritual. É tempo de voltar para Deus, de reaquecer a fé e de mudança de vida e superação das atitudes patológicas. Muitos ainda hoje se abstêm das carnes vermelhas, mas olvidam-se de praticar a caridade, a oração e a meditação. Já lembrava S. Leão Magno: "é inútil tirar ao corpo a comida, se não tira da alma o pecado."

A intuição central da Quaresma é a mudança de atitudes e práticas favorecendo a solidariedade e a fraternidade.

O Mistério Litúrgico

Antigamente, a Quaresma era o período durante o qual, através da penitência e da provação, os catecúmenos se preparavam para receber o batismo na noite da Páscoa. Entrando no Tempo quaresmal, a liturgia convida a renovar e a reavivar na alma as promessas do nosso batismo.

Unidos a Jesus, que toma o caminho do deserto para aí ser tentado, entramos na grande provação da Quaresma, com a intenção de optar sempre pela vontade do Pai, em todas as circunstâncias. Contemplando a face de Jesus transfigurado, encontramos nele a força para passar através dos sofrimentos e dificuldades da vida, até o dia em que poderemos vê-lo na glória do Pai, realização definitiva da aliança e das promessas. Nascidos para a vida de filhos de Deus, em virtude da água viva do batismo e da graça do Cristo, procuramos purificar cada vez mais o culto filial em espírito e verdade e o oferecemos ao Pai em união com o culto espiritual e per-

feito do Cristo. Iluminados pela fé recebida no batismo, esforçamo-nos por viver como filhos da luz é vencer as trevas que estão em nós e no mundo, fazendo a verdade em Cristo, luz do mundo.

Ressuscitados com Jesus, por obra do Espírito vivificador derramado em nós no batismo, alimentamos e aperfeiçoamos com os sacramentos nossa união a Jesus: e com ele vamos para o Pai, animados pelo sopro do Espírito Santo.

Celebrar a eucaristia no tempo da Quaresma significa: percorrer com Cristo o itinerário da provação que cabe a todos os homens; assumir mais decididamente a obediência filial ao Pai, e o dom de si as demais almas, que constituem o sacrifício espiritual.

Assim, renovando os compromissos do batismo na noite pascal, poderemos aspirar à vida nova de Jesus ressuscitado, para a glória do Pai, na unidade do Espírito Santo.

Para a Celebração

1. Tempo da Quaresma se estende da Quarta-feira de cinzas até a missa "na Ceia do Senhor" exclusive. Esta missa vespertina dá início, nos livros litúrgicos, ao Tríduo Pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor, que tem seu cume na Vigília pascal e termina com as Vésperas do Domingo da Ressurreição. A semana que precede a Páscoa toma o nome de Semana Santa; começa com o Domingo de Ramos.

2. Os domingos desse tempo se chamam 1º, 2º, 3º, 4º e 5º domingo da Quaresma. O 6º domingo toma o nome de "Domingo de Ramos da Paixão". Esses domingos têm sempre a precedência, mesmo sobre as festas do Senhor e sobre qualquer solenidade.

3. As solenidades de São José, esposo de Nossa Senhora (19 de março) e da Anunciação do Senhor (25 de março) - como outras

possíveis solenidades dos Calendários particulares - antecipam sua celebração para o sábado, caso coincidam com esses domingos.

4. A liturgia da Quarta-feira de cinzas abre o Tempo da Quaresma. Não se dizem o Glória e o Creio na missa. Não é necessário que o rito da bênção e imposição das cinzas seja unido à missa; pode ser celebrado sem a missa. Neste caso, é oportuno antepor ao rito uma Liturgia da Palavra, como na missa, com o canto de entrada, a oração e as leituras com os cânticos correspondentes; segue-se a homilia, depois a bênção e a imposição das cinzas. Termina-se com a oração dos fiéis. Os textos para essa celebração são tomados da liturgia da Quarta-feira de cinzas.

5. Nos domingos da Quaresma não se canta o hino Glória; faz-se, porém, sempre a profissão de fé, Creio. Depois da segunda leitura não se canta o Aleluia; o versículo antes do evangelho é acompanhado de uma aclamação a Cristo Senhor. Omite-se o Aleluia também nos outros cantos da missa.

6. As missas dominicais do Tempo da Quaresma têm prefácio próprio. O prefácio do tempo, que está no Ordinário da Missa, com duas fórmulas à escolha, se utiliza nos domingos 3º, 4º e 5º do ano B e C, a menos que tenham sido escolhidas as leituras do ano A.

7. Para a celebração da Eucaristia, os domingos da Quaresma têm um formulário próprio (Missal) com um ciclo de leituras (Lecionário) distribuído em três anos (A, B, C); por causa dessa estrutura, o material para a reflexão e a celebração foi disposto conforme a ordem: ano A, B, C, exceto para o Domingo de Ramos, como está esclarecido acima, no n. 2. Nos domingos 3º, 4º, e 5º da Quaresma podem-se também utilizar as leituras do ano A, leituras que na tradição deram o nome a esses domingos (domingos da samaritana, do cego de nascença, de Lázaro), nos quais ainda hoje podem-se fazer os "escrutínios" para a iniciação cristã dos adultos; por isso têm um caráter batismal.

8. A cor litúrgica do Tempo da Quaresma é a roxo; para o 4º domingo (Lietare) é permitido o uso da cor rosa. No Domingo de Ramos, a cor das vestes litúrgicas do celebrante é a vermelha.

A finalização da Quaresma

O quarto domingo da Quaresma é chamado de Domingo rosa ou de repouso, e é celebrado com vestimentas rosas ou vermelhas. Isto pretende amenizar a austeridade do trabalho de purificação com "novas luzes sobre nossos caminhos". Isto é dizer para a alma que aspira à Gnoses que a tarefa é difícil, mas tem também alguns momentos prazerosos.

Domingo da Paixão - 5º Domingo da Quaresma

O Quinto Domingo da Quaresma intensifica o drama do sacrifício de Cristo. Através de seu amor somos atraídos para a participação e identificação com a figura do mistério. A imagem da Cruz brilha diante de nós e somos chamados a contemplar o seu mistério:

Oh, árvore da vida, com suas raízes plantadas na terra e seus frutos preciosos no céu. "O Logos ou Princípio Crístico é a viga vertical, a natureza do homem é aquilo que a cruza; o prego no meio da cruz é a conversão do homem. Um instrumento de tortura se revela como um troféu da salvação, e assim a cena está pronta para a compreensão Gnóstica do grande e sagrado drama da Semana Santa".

Símbolos da Quaresma

O Deserto

Geograficamente falando, é um lugar desabitado, árido, caracterizado por pouca vegetação e pela falta de água. É o lugar onde acontece o jejum, considerado como abandono e

solidão exterior e interior, para levar a união com Deus.

Os textos bíblicos em que se fundamenta esta afirmação são os dos quarenta dias de Moisés sem comer e sem beber na montanha do Sinai para receber a Lei (Ex 24,12-18;34) e os quarenta dias de Elias (1Rs 19,3-8). Elias vive a dureza do deserto reconfortado pela comida e bebida misteriosa, e volta ao seu caminho superando a decadência dos israelitas nos quarenta anos de marcha para a terra prometida. Trata-se, em todos os casos, de homens marcados por uma visão de Deus no final do dito caminho. Estas narrações nos ajudam a entender o sentido dos quarenta dias de deserto de Cristo (1º Domingo da Quaresma), vivido como experiência da tentação e encontro com o Pai, mas, também, como preparação para o seu ministério público.

Para a Bíblia, o deserto é, também, uma época de oração intensa. É o lugar do sofrimento e da reflexão.

De fato, o jejum de Moisés contrasta com a caminhada dos quarenta anos no deserto por parte do povo. Os quarenta dias de Moisés são a restauração de um caminho de fidelidade que o povo não pode andar, assim como os de Cristo são a prova que o Espírito Santo permitia ao tentador (Mt 4,1).

O deserto é o espaço e o tempo da união com Deus. Por isso Oséias (Os 2,16-17) o propõe como o lugar propício para captar sua mensagem espiritual, igualmente como faz a Igreja com seus filios na Quaresma.

Muitas vezes em nossa vida cotidiana resistimos a estes espaços de silêncio e solidão porque temos medo de encontrarmos conosco mesmos e com Deus e descobrir que estamos distantes de seu projeto para nós. Por isso, o “deserto” requer a coragem dos humildes, dos que não têm medo de voltar a recomeçar.

Os Quarenta Dias

A organização quaresmal é um tempo simbólico que tem suas raízes no Antigo e Novo Testamento. Os quarenta dias de Moisés e de Elias ou os quarenta anos do Povo eleito no deserto não são referências secundárias. A tradição judaico-cristã tem percebido neste número uma determinada significância. Provavelmente a idéia mais antiga seja a referência aos anos de deserto vistos como um tempo associado ao castigo de Deus (cf. Nm 14,34; Gn 7,4. 12. 17; Ex 4,6; 29, 11-13).

No Deuteronômio aparece uma interpretação dos quarenta anos como o tempo da prova a que Deus submete ao povo (Dt 2,7; 8,2-4). São os dias do crescimento da fé, segundo o Salmo 94,10. Para os Atos dos Apóstolos o número quarenta continua sendo simbólico. Lucas divide a vida de Moisés em três períodos de quarenta anos (At 7,23 e 7,30); fazendo referência aos quarenta anos do reinado de Saul (At 13,21); e aos quarenta dias da Ascensão (At 1,3).

Estes quarenta dias poderiam, então, ser considerados como esse “hoje” do qual fala a Carta aos Hebreus ao referir-se ao Salmo 94, como esse “tempo propício” para escutar a voz de Deus e não endurecer o coração.

Com efeito, nossa relação com Deus necessita não só de um “espaço” adequado (o deserto como lugar de silêncio), mas também de um “tempo” oportuno e concreto, “suficiente” para escutar, através de nossa consciência, sua voz de Pai que corrige e consola.

O Jejum

Juntamente com o deserto e com a oração, o jejum parece ser uma das meditações privilegiadas de todo o tempo quaresmal, de revisão de vida e de busca sincera de Deus. Por isso, como vimos ao falarmos do deserto, eles geralmente estão unidos. Todos os que

se retiram ao deserto para encontrar-se com Deus, jejuam.

Os profetas Joel e Isaías nos indicam o verdadeiro sentido desta antiga prática penitencial: "... voltai para mim de todo o coração, fazendo jejuns, chorando e batendo no peito! Rasgai vossos corações, não as roupas! Voltai para o Senhor vosso Deus..." (Joel 2,12-13). "Acaso o jejum que eu prefiro não será isto: acabar com a injustiça qual corrente que se arrebenta; acabar com a opressão qual canga que se solta; deixar livres os oprimidos, acabar com toda espécie de imposição? Não será repartir tua comida com quem tem fome? Hospedar na tua casa os pobres sem destino? Vestir roupa naquele que encontras nu e jamais tentar te esconder do pobre teu irmão?" (Is 58,6-7).

Iluminados por estas palavras compreendemos porque, com o tempo, o jejum como abstinência de comida tem dado lugar ao jejum como símbolo e expressão de uma renúncia a tudo aquilo que nos impede de realizar em nós o projeto de Deus, convidando-nos a transformá-lo em um gesto de solidariedade efetiva com os que passam necessidade.

Naturalmente, seria mais fácil limitarmos-nos a "cumprir" com o jejum de alimentos, mas necessitamos descobrir estes "outros" jejuns como meio adequado para modificar aquilo que mais nos custa. Talvez se trate de falar menos, de fazer menos gastos supérfluos, de perder menos tempo na frente do televisor para dedicar-se a alguém que necessita de nossa assistência, etc.

Por esta razão o jejum tem que estar unido a esmola, ao gesto caritativo, que é também uma ação preferencial da Quaresma, segundo

a tradição Cristã. Se jejuarmos somente para sofrer ou demonstrar que somos fortes, estaríamos desvirtuando sua verdadeira finalidade.

Semana Santa

Semana Santa: a grande semana litúrgica do calendário cristão.

Começa com o Domingo de Ramos, quando se benzem ramos de oliveira ou ramos de palmeiras, e se lê o texto evangélico da entrada solene de Jesus em Jerusalém. Este ramo bento colocado em uma cruz em cada lar ou sobre alguma tumba no cemitério, quer simbolizar a força da vida e a esperança da ressurreição. A Igreja neste dia convida os fiéis a contemplar os padecimentos do Cristo em seu caminho para o calvário.



Na Quinta-feira santa se celebra a Ceia do Senhor, ou seja, a instituição da missa com a tradicional cerimônia do Lavapés. Há ao final da missa a cerimônia da

adoração do Santíssimo Sacramento, com o tradicional canto em latim *Tantum Ergo*, ou *Pange Língua*.

Na Sexta-feira Santa ou Sexta-feira Maior, não se celebra missa ou qualquer sacramento. É dia de silêncio, recolhimento e de comungar as hóstias consagradas na noite da Quinta-feira. Lê-se o relato da paixão e se fazem as procissões da Via-Sacra ou Caminho da Cruz, com suas quinze estações. Faz-se também as grandes preces da Igreja pelo mundo, a adoração da cruz, que nasceu em Jerusalém e foi absorvida em Roma no século VII, e ao final da cerimônia oferece-se a comunhão eucarística.

A última noite da Semana é a chamada Vigília Pascal ou Sábado de Aleluia, normalmente celebrada na noite ou madrugada do Domingo de Páscoa. Esta festa é móvel e se celebra no primeiro Domingo depois da lua cheia do outono. Ao meio-dia deste sábado costuma-se "malhar o Judas", ou seja, bater e queimar um boneco de pano representando a traição de Judas Iscariotes que vendeu seu mestre aos algozes.

Domingo de Ramos - Início da Semana Santa

A Semana Santa tem início com o Domingo de Ramos e o discurso do triunfo temporário da Luz antes da sua ocultação. O ramo de palmeira é um antigo símbolo de realeza, e o movimento da palmeira é uma saudação ao rei. Aspiramos a reconhecer o Logos soberano quando ele adentrar a cidade de nosso ser e permanecermos fiéis a ele. O fato histórico nos diz que quando Jesus entrou em Jerusalém, os poderosos já estavam planejando sua morte. Assim a má situação de nosso Salvador, nos lembra que a honra do mundo realmente não vale nada. Num dia o mundo clama "Hoshana", no outro grita "Matem-no"; este exemplo deveria nos mostrar que as maiores conquistas não estão no mundo da matéria, ou seja, na política, na economia ou na sociedade. Ao contrário, deveríamos nos concentrar nos mundos interiores, onde nossa supremacia pode crescer ao mais alto grau, o Cristo interno pode governar toda a natureza.

Quinta-Feira Santa

A "Quinta-feira da Ordenação desenvolve o evento de Jesus o Cristo, nos dando o sacramento da Eucaristia. Primeiramente o Salvador lava os pés dos discípulos, mostrando que aqueles que aspiravam à Deus precisam servir os outros, a fim de Conquistá-lo. O mesmo fazem os bispos ou sacerdotes, lavam

os pés das pessoas neste dia. É desta forma que Jesus se revela como o Eterno Sacerdote Supremo num mistério, e isto podemos observar no curso da Eucaristia logo após a consagração. Na custódia (objeto de ouro ou prata em que se expõe a hóstia consagrada) ou na cruz flamejante, a igreja mantém uma hóstia consagrada ao serviço da Graça Divina, a Adoração do Corpo de Deus. Durante a missa da Quinta - Feira Santa, a Hóstia é renovada para o próximo ano, sendo que a velha é consumida. Agora, aprofundamos nossa compreensão sobre o que se entende por "Corpo e Sangue do Logos". A reverência e adoração são sentimentos impopulares numa cultura secular, mas essenciais para nosso acesso aos mistérios. Aqui Jesus diz estas santas palavras, "Eu sou o pão da Vida, Sou o pão vivo que veio do céu; aquele que come deste Pão terá a vida eterna". Jesus não se referia, é claro, ao canibalismo.

Sexta-Feira Santa

A Sexta feira Santa é a maior das festas de toda tradição católica e há muitos níveis de compreendê-la. A tradição antiga declara que de Getsemani Jesus é entregue nas mãos dos Romanos e, embora não pudessem encontrar nele nenhuma falta, O crucificaram e ali acabou morrendo. Todos os discípulos ficaram confusos e o mundo é lançado nas trevas. Contudo, a Tradição ensina que João, o discípulo bem - amado, dirigiu-se a uma montanha próxima para contemplar o que havia ocorrido. Jesus apareceu diante dele numa luz radiante e sorriu diante da sinistra cena abaixo deles. Então, Jesus revelou a João a plenitude de seu mistério. Jesus disse aos discípulos para dançarem, dizendo: "Aquele que não dança, não sabe nada do que está ocorrendo".

Sábado Santo

Este é o período entre a crucificação e a ressurreição. Na Idade média os clérigos e mon-

ges da igreja apresentavam uma dramatização sagrada chamada “Cada Homem”; um deles era “A angústia do Inferno”. Nesta peça, Jesus desce aos Infernos, confronta Satã e o domina. Então a Luz do Salvador toca todas as almas resgatadas, Ele quebra os portões dos infernos, conduzindo-as todas a Luz, rumo ao reino superior. É muito útil participar destas peças no Sábado Santo.

Neste dia é realizada a cerimônia da Benção do Fogo. O santuário da Igreja fica totalmente escuro significando a descida do Salvador, nas regiões de trevas. Um fogo é aceso fora da Igreja sendo abençoado com Incenso. A seguir, a luz do fogo, em três velas, uma cruz, um sacerdote e um diácono dirigem-se ao santuário, simbolizando o retorno da Luz. As luzes da Igreja são novamente acessas com uma vela tríplice, incluindo a vela Pascal. Este ato pode reforçar, visualmente, a experiência de Cristo como a Luz do Mundo.

Domingo de Páscoa

Páscoa, do latim paschalis, deriva da palavra hebraica Pessah, passagem.

Com este nome designamos a festa judaica da saída do povo do Egito conduzido por Moisés, celebrada anualmente na primeira lua cheia depois do outono, no hemisfério sul, com a ceia pascal e o cordeiro imolado, ervas e pão ázimo.

Simboliza também a festa cristã da Ressurreição de Jesus de Nazaré no ano 30 da era cristã, celebrada cada ano durante o tríduo pascal, da Quinta-feira ao Domingo da Semana Santa, sempre no Domingo após a lua cheia depois do início do outono no hemisfério sul, com a Festa Eucarística Solene durante a chamada Vigília Pascal, com inúmeras leituras bíblicas, celebração do fogo novo, velas e Círio Pascal, água e batismo de adultos, pão consagrado na missa solene e o canto do Hino em latim "Exultet".

A ressurreição do Logos no amanhecer do Ser é um momento eterno, e de certa forma sempre ocorre. Com a preparação de nossa vida interior através da dramatização da Quaresma e Semana Santa, temos uma perspectiva muito melhor para compreendê-las. A figura histórica de Jesus de Nazaré de 2000 anos é um símbolo da qualidade do ser potencial dentro do coração humano; a tradição Cristã trabalha para trazer esta qualidade do ser para a consciência individual. Ao descermos em nosso próprio inferno, resgatando os flashes de consciência perdidos e presos nas profundezas do nosso ser, poderemos cumprir a grande tarefa de nos redimir da inconsciência; não ousemos ter o arrogante pensamento de que podemos alcançar tal realização por nós mesmos. Ao contrário, isto é feito num mistério e o Logos é o exemplo, por excelência, dos meios e objetivos da Grande Obra.

Contos Espirituais

A Porta

Pesquisadores de várias partes do mundo, quando de visita a um antigo castelo, famoso pelas obras e monumentos notáveis que reuniu e abrigou em seu interior, mas sobretudo pelos segredos que se escondiam em um quarto muito misterioso.

Ao se aproximarem desse castelo, o guia os

anunciou junto ao administrador do mesmo. Este, atendendo-os com a máxima atenção, informou-lhes que ele, pessoalmente não os poderia acompanhar, mas que mais tarde os alcançaria onde quer se encontrassem e lhes entregou uma enorme chave, dizendo:

- Esta é a chave da porta do quarto principal, que dá acesso às obras e monumentos que tanto procurais.

Foram-se pois os pesquisadores, cheios de curiosidade. Ao se depararem com a porta indicada pelo administrador, um a um tentou abri-la, através da chave que lhes fora entregue, porém, ninguém realmente conseguiu. Finalmente, depois de alguns momentos de espera, chegou o administrador mostrando-se admirado por vê-los ali parados.

- Não conseguimos abrir a porta - queixou-se um deles desapontado.

- Oh, por favor, queiram me desculpar - falou o administrador. - A porta na realidade nem estava fechada à chave, bastaria terem acionado para baixo este puxador e a entrada estaria livre.

O grupo não pôde esconder o seu grande desapontamento e vergonha, por não haver atinado com uma coisa simples e até óbvia, ainda mais que todos estavam ansiosos e tomados de curiosidade, no sentido de conhecer as maravilhas reunidas dentro daquele quarto.

Essa maneira de agir é semelhante ao procedimento de tantas pessoas que lutam, esforçam-se até à exaustão na tentativa de abrirem por si mesmas a porta de entrada para a salvação. Como parte dessa iniciativa pessoal, dão esmolas, praticam toda sorte de boas ações, freqüentam ordens iniciáticas, participam de rituais, etc. Todo esse amontoado de coisas pode ser louvável e até necessário, do ponto de vista humano e moral, todavia, em se tratando da salvação pessoal e eterna, é tempo perdido. Há milênios, Deus, mediante seus enviados, abriu-nos a porta da graça para a nossa salvação. Portanto, tudo está providenciado basta desejá-lo com fé e manifestá-lo através da nossa vontade.

A Renovação

A águia é a ave que possui a maior longevidade da espécie. Chegam a viver 70 anos. Mas para chegar a essa idade, aos 40 anos ela tem que tomar uma séria e difícil decisão. Nessa idade, ela está com as unhas compridas e flexíveis, não consegue mais agarrar as suas presas das quais se alimenta. O bico alongado e pontiagudo se curva. Apontando contra o peito estão as asas, envelhecidas e pesadas em função da grossura das penas, e voar já se torna difícil!

Então, a águia só tem duas alternativas: Morrer... ou enfrentar um dolorido processo de renovação que irá durar 150 dias. Esse processo consiste em voar para o alto de uma montanha e se recolher em um ninho próximo a um paredão onde ela não necessite voar... Então, após encontrar esse lugar, a águia começa a bater com o bico em uma parede até conseguir arrancá-lo. Após arrancá-lo, espera nascer um novo bico, com o qual vai depois arrancar suas unhas. Quando as novas unhas começam a nascer, ela passa a arrancar as velhas penas.

E só após cinco meses sai para o famoso vôo de renovação e para viver então mais 30 anos.

"Em nossa vida, muitas vezes, temos de nos resguardar por algum tempo e começar um processo de renovação. Para que continuemos a voar um vôo de vitória, devemos nos desprender de lembranças, costumes e outras tradições que nos causaram dor. Somente livres do peso do passado, poderemos aproveitar o resultado valioso que uma renovação sempre traz".



**ORDEM MARTINISTA
GRUPO STANISLAS DE GUAITA
GRUPO PHILIPPE NIZIER
GRUPO JAIME CAVALHEIRO ALVES
SÃO PAULO - BRASIL**